

O Rio da Consciência: Transcendendo as Dualidades



*Símbolo dos advaitistas

*O "ganso, *hamsa*" é um símbolo importante no Advaita Vedanta. Seu significado simbólico é o seguinte: primeiro, ao repetir verbalmente "*hamsa*", ele se torna "*soham*" (traduzido do sânscrito, "eu sou isso"). Em segundo lugar, mesmo que um "*hamsa*" vivo esteja na água, suas penas não são manchadas por ela; da mesma forma, um Advaitista liberado vive neste mundo cheio de mayas - ilusões - mas não é tocado por suas ilusões.

Beatriz Aguirre
mbea.aguirre@gmail.com
Parques de Estudo e Reflexão de Caucaia
07/2024

Obrigada Silo

Resumo

Área de estudo: Advaita Vedanta	3
Advaita Vedanta.....	4
Desenvolvimento histórico	6
Universo herdado por Shankara.	7
Os Upanishads	9
Upanishad, a revelação de Brahman	10
Advaitistas contemporâneos	11
Bhagavan Sri Ramana Maharshi.	11
Maharaja Sri Nisargadatta	12
Onde o Advaita está localizado no hinduísmo	12
Entrevista com Veda Pada Sali. Escola Veda no Templo Srirangam.....	12
Continuamos a localizar os advaitistas no hinduísmo.....	14
Objetivo dos advaitistas.	16
Mudança no estilo de vida e na paisagem	16
Parágrafos de Ramana e Nisargadatta	17
A entrada. Auto-investigação	20
Como é praticado.....	20
Estar no centro. Em contato com a mente.....	23
Realizing the Self, em Silo.....	23
Jnana, a experiência do profundo	24
Síntese para reflexão	25
Experiência pessoal	28
Entrevistas	32
Entrevista com David Godman	32
Diálogo com Keivi Ef.....	33
Entrevista com Ranganathan.....	34
Anexos	36
Guadapada	36
Grande Karika sobre o Mandukya Upanishad	36
Livro III:.....	37
Não-dualidade (Advaita Prakarana).....	37
Livro IV:	37
Biografias dos anexos	38

Adi Shankara	39
Contexto histórico.....	40
Ramana Maharshi	42
Maharaja Nisargadatta	45

Objeto de estudo: Vedanta Advaita

Linha mental do hinduísmo. Com o interesse de investigar a experiência de contato com as profundezas dos Vedanta Advaitistas e sua maneira de alcançá-lo, seu modo de entrada (no procedimento do ascetismo).

O ponto de vista é detectar os antecedentes da Disciplina Mental e comparar com minha experiência.

Advaita Vedanta é um ensinamento que visa a experiência plena do Ser. É um caminho de experiência, de tentativa de alcançar a permanência dentro de si mesmo, de transcender o eu até o ponto de suspensão.

Eles tentam se libertar do encadeamento, do submetimento ao funcionamento mecânico da consciência, transcender o condicionamento experimentado como dualidade, céu-terra, vida-morte, exterior-interior, matéria-espírito.

Eles dizem que o que é expresso nesse espaço-tempo é a consciência com seus diferentes níveis de trabalho. Eles descartam tudo o que "eu não sou" e vão mais fundo, até chegarem ao silêncio ou vazio que se expressa na suspensão do eu para fazer contato com o transcendente, a mente, o ato puro que, para eles, é *Brahman*.

Tudo é para você realizar o "si mesmo", a iluminação, a liberação.

Viajei várias vezes para o sul da Índia, sempre para Tamil Nadu, para transmitir a Mensagem de Silo e aprender com eles. Assim, em cada viagem, eu tentava fazer contato com algum advaitista.

¹Meu interesse por esse assunto veio de uma experiência que tive há algum tempo e eu queria ir mais fundo nesses espaços mentais profundos, para avançar em meu trabalho ascético. Deparei-me com esse ensinamento que ressoou em mim e quis entender como eles se aprofundam.

Na inauguração do Parque Chaco de Estudo e Reflexão, (Argentina) depois da cerimônia de abertura na Sala e de dar meu testemunho, senti uma desestabilização do eu, um vazio, algo aconteceu naquela cerimônia. Saí da Sala, sentindo a profunda necessidade de me conectar com Silo e de ter **uma resposta sobre** o futuro, como posso

¹ Ascetismo. O ponto central da ascese é um certo trabalho sobre si mesmo. É o equivalente às práticas de todo misticismo, mas em nosso caso tudo tende à superação do eu para entrar nos espaços profundos do sagrado. Comentários de Silo, compilados por Patricio Ascui.

aprender a me colocar, me conectar e vibrar para ajudar os outros a se conectarem com esse espaço mais profundo? De repente, em resposta ao meu pedido, ele apareceu, na **calçada** da Sala, nossos olhares se encontraram, senti que nos comunicamos e nos entendemos profundamente. Só sei que nós dois desaparecemos por um momento. Então ele era eu e eu era ele, nós éramos e não éramos, nós dois éramos um só e o tempo não existia.

Havia um tesouro dentro de mim, algo novo funcionando, um estado de grande lucidez. Toda vez que me lembro dessa experiência, a energia circula e algo gira em minha cabeça. Comove-me profundamente, sinto que fizemos uma viagem pelo universo, lemos um livro de páginas vazias, cheio de sabedoria, e um limiar se abriu. Pareceu durar segundos e continuou a se traduzir em minha vida diária por um bom tempo.

Advaita Vedanta

Advaita é um ramo não dualista do hinduísmo que afirma a unidade entre as almas (*atman*²) e a divindade (*Brahman*³). A pessoa que consolidou os princípios do Advaita Vedanta foi Adi Shankara.

Advaita Vedanta é uma doutrina filosófica hindu centrada na noção de não dualidade entre o mundo e o absoluto. Sua doutrina afirma que a única coisa que existe é *Brahman* e sua manifestação; ela nega a realidade autônoma do mundo fenomenal. ⁴Assim, para a Advaita, não há oposição real entre o Ser e *Brahman*, sendo eles um único ser.

A doutrina advaita promove a existência de um ser unido à totalidade dos seres existentes, a tal ponto que não se pode falar de uma relação entre os vários seres, mas de unidade total. O que é essencial para eles é a experiência da união entre o sujeito que percebe e o que é percebido.

A falsa aparência do Ser múltiplo, que na realidade é uno, deve-se à função da consciência de conceituar, que consiste em definir e, para esse fim, dividir em partes aquilo que não está dividido. Assim, quando a consciência abandona o processo de conceitualização, a realidade de ser "um" se revela, sem sombra de dúvida, como um fato puramente objetivo.

Shankara denunciou o sistema de castas e os rituais como tolos e ensinou que a verdade deve ser alcançada pela meditação no amor divino. Isso é vivenciado pelo aprofundamento do observador.

² O eu individual ou eu verdadeiro, que é idêntico ao *Brahman* em sua essência. É considerado eterno e não está sujeito à morte ou mudança.

³ A realidade última, suprema e infinita. É o princípio fundamental do universo, além da forma e da dualidade.

⁴ *Brahman*, o absoluto sem forma e sem nome, deve ser distinguido do deus criador Brahma.

Para os neo-advaístas, a verdadeira revelação é obtida por meio de uma investigação (autoinvestigação) sobre "quem eu sou". O fato de a consciência se identificar com o corpo, de que nós somos o corpo, é o que nos prende a um mundo ilusório, nos dispõe ao sofrimento, ao nascimento e à morte. Morte que é apenas para o corpo.

Dizem que a manifestação no mundo é dada pelo corpo (composto pelos 5 elementos: terra, ar, fogo, água e éter), pela energia vital (a força) e pela consciência.⁵ Mas que, na verdade, o que somos é a manifestação dos diferentes níveis de consciência: vigília, sono com sonhos, sono profundo; esses três estados são temporários, e acrescentam um quarto estado de consciência, transcendente, em que não há consciência externa nem interna, nem interna nem externa, sem características, impensável e inominável. Esse quarto estado (*Turiya avasthá*) corresponde ao silêncio. Ele é o substrato dos outros três estados e é conhecido como *Ati-anta sunyatá* ("vazio absoluto").

Ter a experiência nos liberta e nos reconhecemos como tal, um ser imortal, sem limites, sem tempo, onde o um e o todo são a mesma coisa.

Com a experiência, há um salto de compreensão que muda toda a paisagem e as crenças sobre quem somos, sobre a vida, sobre a morte; e eles se acomodam em viver com certa profundidade, a uma certa distância do eu e não mais identificam o eu com a consciência corporal que é o manifesto. Para eles, o verdadeiro eu é o não manifesto, que é transcendente.

⁵ Há diferenças entre os significados da palavra "consciência" no Siloísmo, no Ocidente, e no Hinduísmo. A palavra "consciência" pode ser traduzida para o sânscrito como "Citta" ou "Buddhi", dependendo do contexto. "Buddhi" denota intelecto ou compreensão, às vezes implicando em um nível mais elevado de consciência. Silo, Apontamentos de Psicologia: Consciência é o sistema de coordenação e registro efetuado pela psique humana. Dessa forma, nenhum fenômeno é considerado consciente que não seja registrado. Pg.27



Adi Shankara com os discípulos, em pintura de Raji Ravi Varma (1848-1906)

Desenvolvimento histórico

Um dos primeiros a escrever sobre a não dualidade foi Adi Shankara (788-820). Seu comentário é o mais antigo sobre o *Vedanta-sutra*, de um ponto de vista exclusivamente monista (*a-duaita*: não dualidade).

Adi Shankara era um jovem *brâmane shivaísta*. Seu pai, Shivaguru, era um sacerdote Yajur-vedin. Ele nasceu em Kerala, no sul da Índia, e viveu apenas até os 32 anos de idade. Ele aprendeu sânscrito desde cedo. Aos 8 anos de idade, tornou-se asceta e discípulo de Govinda, um renomado eremita da época que habitava uma caverna às margens do rio Narbuna. Govinda, discípulo de Gaudapada, foi o autor das primeiras interpretações monistas das antigas escrituras hindus e autor de importantes tratados, chamados Karikas, que mostram claramente a influência das escolas e autores do Budismo Mahayana, com sua doutrina do vazio.

Gaudapada (século VI ou VII d.C.) foi, segundo a tradição, o avô filosófico de Shankara. Seu ⁶Karika sobre o Mandukya Upanishad é a mais antiga exposição sistemática conhecida do Advaita Vedanta. Gaudapada mostra sinais claros de familiaridade com a filosofia budista e tanto sua linguagem quanto sua doutrina estão, em muitos casos, próximas dos originais budistas. Isso levou muitos estudiosos a especular que o próprio Gaudapada era originalmente budista.

Além do fato de Shankara ter sido um estudioso iminente, ele é reconhecido como o maior filósofo da Índia e também é considerado um santo, com muitos milagres atribuídos a ele. Como monge, ele fez várias peregrinações a Varanasi e viajou por toda a Índia, participando de discussões filosóficas com qualquer representante das várias escolas de pensamento indianas de sua época que aceitasse seu desafio.

⁶ O Karika é um comentário sobre o Upanishad em verso. Ele é dividido em quatro seções: 1, Agama Prakarana; 2, Ilusão; 3, Advaita; 4, Apagando a tocha. Em anexo

Essa prática de debate é comum na cultura e na história da Índia. Shankara era um debatedor formidável, capaz de superar postulados opostos. Dessa forma, ele conquistou seguidores em todas as regiões em que atuou.

O hinduísmo estava em crise devido, por um lado, às muitas contradições em seus escritos e às dificuldades com os *bramânicos* e, por outro lado, ao avanço do budismo e do jainismo.

Shankara privilegiou os textos do *Upanishad* como a revelação divina definitiva e deu ao *Brahma-sutra* sua interpretação, estabelecendo a unidade do par *Brahman/atman (sim-self)*. Seu argumento seria provar que sua interpretação da mensagem do *Upanishad* estava correta.⁷ Assim, em toda a sua obra, a partir do *Brahma-sutra*, ele combate os pontos de vista dos representantes de cinco outros darshanas, bem como os pontos de vista dos adeptos do budismo *mahayana* e da escola *nastika* (os niilistas).

O impacto e a influência da obra de Shankara comentando o *Brama-sutra* foram tão grandes para a cultura sânscrita nos séculos posteriores que outras obras sobre o *Brama-sutra* anteriores a ele simplesmente não foram preservadas.

Shankara selecionou os vedas mais importantes, deu coerência ao hinduísmo e produziu manuais para o ensino dos brâmanes. Assim, ele estabeleceu uma influência duradoura e frutífera de sua doutrina, Vedanta-Advaita, sobre o desenvolvimento do hinduísmo em todos os séculos seguintes até o presente.

Ele também comentou sobre o Bhagavad-gita, explicado por ele como um manual perfeito de instruções para a conduta adequada do homem no mundo, que o levaria à libertação e à imortalidade. Aqui seu discurso será para combater os sacerdotes ritualistas, os seguidores da escola Samkhya (dualistas) e os seguidores das várias crenças teístas devocionais de sua época.

⁸Seu trabalho revela um grande conhecimento dos estudos bramânicos ortodoxos da época, bem como do budismo mahayana.

Ele foi frequentemente criticado como um budista dissimulado devido à semelhança de sua doutrina com a do Buda. Mesmo assim, ele lutou contra muitos pontos da doutrina budista ou os adaptou à sua interpretação Vedanta-Advaita.

⁷ Darshana. visões do hinduísmo ortodoxo - escolas de pensamento sobre cosmologia, lógica e pesquisa sobre a filosofia da linguagem.

⁸ Mahayana. Dogen, *The Entrance of the Way of the Mind in Japan [A Entrada do Caminho da Mente no Japão]*. P. 29 Mahayana. O "Grande Veículo", em oposição ao Hinayana (Pequeno Veículo). Suas escrituras estão em sânscrito, enquanto no Hinayana estão em Pali. No Hinayana, o Despertar é acessível apenas aos monges que se afastam do mundo; no Mahayana, ele também é acessível aos leigos, graças à ajuda ativa do Bodhisattva. Menos rígido que o Hinayana, e Mahayana se adaptou às necessidades dos povos entre os quais se espalhou e incorporou elementos das religiões que o precederam. Também é chamado de Budismo do Norte, pois se espalhou do norte da Índia para o Tibete, Mongólia, China, Coreia e Japão. Juan Espinosa. Parques de Estudo e Reflexão de Toledo.

Universo herdado por Shankara

Faremos uma breve apresentação do contexto de sua cultura, a literatura mais importante do hinduísmo, seus livros sagrados, que contêm o substrato de crenças, costumes, práticas e rituais que eles realizavam para se conectar com o sagrado. Dessa forma, poderemos entender o universo herdado por Shankara, em torno do qual seu ponto de vista será elaborado.

Os documentos mais antigos da literatura sânscrita: os Vedas, textos de revelação (o que foi ouvido): aqueles em que o conteúdo não é considerado obra de mentes humanas, mas revelações do sagrado e dirigidas a sábios ou videntes do passado que os ouviram, ou seja, os receberam por inspiração divina. Sua autoridade quanto à verdade não pode ser e não é contestada por nenhum hindu.

Há quatro coleções de hinos rituais a divindades, orações e encantamentos, compostas entre os séculos XX e X a.C., chamadas Vedas: Rg-veda, Yajur-veda, Sama-Veda e Atharva Veda.

Os Smrti ou textos de compreensão/interpretação (o que foi, lembrado, memória) são o trabalho de reflexão do homem sobre as revelações dos vedas e, acima de tudo, os ideais de conduta religiosa e social. Estabelecem as diretrizes das práticas sociais e os cânones da herança mítico-religiosa do hinduísmo, que foram anexados aos vedas, que são:

Dharma-sastra, tratados sobre a Lei, o mais famoso dos quais é o código de leis de Manu.

Os *Itihasa*, ou contos épicos, representados pelo Ramayana e pelo Maha-bharata, este último (o maior poema épico do mundo) contendo o célebre Bhagavad Gita.

Os Puranas, coleções que incluem mitos, instruções de adoração e práticas populares (18 principais).

Os *Agamas*, manuais de culto e adoração de aspectos específicos da divindade para as três principais divindades do hinduísmo: adoração de Visnu, adoração de Shiva, adoração de Devi.

⁹Os seis *Darsanas*, ou pontos de vista do hinduísmo ortodoxo - escolas de pensamento sobre cosmologia, lógica e investigações sobre a filosofia da linguagem, níveis de consciência e o complexo *Brahman-atman abordado nos Upanishads*

Desde a época de sua composição até a época de Shankara, a classe que possuía a palavra ritual e, portanto, herdeira do manuseio exclusivo dos hinos e fórmulas rituais contidos nos quatro Vedas, era a casta sacerdotal dos brâmanes (termo sânscrito, derivado de *Brahman*) que, nesse contexto védico, executava a palavra ritualística do sacerdote; a palavra é dotada de poder cosmológico e, portanto, oposta à linguagem cotidiana. O sacerdote era aquele que exercia o *Brahman*, a palavra dotada de poder criativo.

⁹ Lilian Gulmini. Do Dois ao Sem-Segundo

No âmbito dos ritos védicos - que são uma sequência de procedimentos litúrgicos, cantos, recitações e a liberação de fogo em altares consagrados - são acrescentadas projeções simbólicas que associam o rito realizado à manutenção da ordem no âmbito da sociedade humana e do cosmos.

Os hinos eram enunciados, quase sempre dirigidos a uma divindade por um ou mais sacerdotes brâmanes. Não se tratava de uma relação de submissão destes últimos às divindades evocadas. Pelo contrário, os sacerdotes brâmanes traziam o sagrado para o presente.

Durante cada rito, o fenômeno que se pretendia reproduzir era o rito primordial e arquetípico com o qual os deuses haviam inaugurado o cosmo recém-criado. Ao repeti-los por meio de uma sequência correta de movimentos e gestos ao redor dos altares e do uso da linguagem, eles reproduziam o rito primordial.

Assim, os pedidos ou favores das divindades não provinham de súplicas submissas, mas, ao contrário, eram automaticamente produzidos ou obtidos por meio da perfeição e precisão na execução das cerimônias litúrgicas e na recitação dos cânticos.

O principal valor era a linguagem; não qualquer linguagem, mas uma linguagem sagrada, imbuída de métrica, entonação, profundidade e sonoridade adequada, bem elaborada. Assim, eles conseguiam promover o contato com as forças cósmicas.

A palavra certa era, no contexto védico, considerada como reveladora da essência das coisas, carregada de poder e verdade do âmbito sagrado. A imposição do nome às coisas revestia de poder às palavras.

Os hinos dos Vedas não foram atribuídos a uma origem humana: eram revelações divinas ouvidas por poetas sábios que, pelo poder da inspiração e da oratória, colocaram o poema em movimento. Esses hinos tratavam de aspectos linguísticos da astronomia e do cerimonial, e era importante não apenas a repetição correta dos hinos, sua pronúncia, ritmo e entonação, mas também a compreensão correta do conteúdo de suas palavras e dos múltiplos significados de suas metáforas.

Os Upanishads

Agora podemos acompanhar a articulação do conceito do Absoluto, *Brahman*, conforme declarado nos *Upanishads* e interpretado por Shankara.

Nos textos do *Upanishad*, o conceito do termo *Brahman* assume um novo significado. *Brahman* não designa mais a palavra ritual dotada de poder cosmogônico, mas assume o significado da profundidade da existência, inexplicável e inatingível pelo pensamento lógico e pela linguagem, estabelecendo *Brahman* como um conceito além da linguagem e da mente.

Os textos do *Upanishad* foram concebidos em ambientes não urbanos, provavelmente como resultado de uma influência das populações indígenas. Eles são diálogos entre um mestre, sábio ou guru, e aprendizes. Seu conhecimento não é necessariamente compartilhado pelos sacerdotes e o discurso não é dirigido a uma divindade, como na maioria dos hinos védicos. É um conhecimento da natureza do

Absoluto. Eles são como traduções do contato com o profundo. Todos podem adquirir esse conhecimento, ele não está relacionado à classe social ou à etnia.

O conteúdo básico dos Upanishads pode ser descrito da seguinte forma:

O homem comum (as distinções de casta não têm valor aqui) é dotado de uma espécie de "ignorância original". Ele não tem consciência de sua identidade com Brahman, ou seja, não tem consciência de que sua essência ou espírito individual, seu "Eu" (atman), é da natureza de Brahman, absoluto e imortal. A ignorância prende o homem à roda eterna de nascimentos e mortes condicionadas (samsara). A vontade de buscar conhecimento o leva a especular sobre Brahman, a "realidade última das coisas", e a buscar esse conhecimento como discípulo de um mestre (um guru que alcançou Brahman).

Shankara diz:

"Para alcançar o conhecimento de Brahman, o homem precisa evoluir cognitiva e experimentalmente. Para tanto, é necessário que ele compreenda o Brahman, buscando libertar-se das categorias dualistas e relativizadas do pensamento comum, e que experimente sua identidade com o Brahman por meio das práticas meditativas e psicofísicas do Yoga".

Podemos ver aqui um salto cultural evolutivo desde os primeiros textos rituais até o universo dos Upanishads. É a partir desse texto e de seu conteúdo - não obstante a presença constante dos ritos, dos deuses e de seus sacerdotes - que Shankara inicia seu trabalho, o de esclarecer os homens quanto à base e ao propósito de sua existência, com base na revelação trazida pelas escrituras Vedanta aos Upanishads.

Upanishad, a revelação do Brahman

A visão não chega até lá, nem a palavra, nem a mente; não sabemos, não entendemos como isso pode ser ensinado.

Ele é diferente do conhecido e também (está) acima do desconhecido - assim ouvimos dos antigos, que nos explicaram:

Aquilo que não é dito pela palavra, e por meio do qual a palavra é revelada - saiba que isso é Brahman, e não aquilo que é meditado como tal.

Aquilo que não é pensado pela mente, e por meio do qual a mente é pensada - saiba que isso é Brahman, e não aquilo que é meditado como tal.

Aquilo que não é visto pela visão, e por meio do qual a visão é vista - saiba que isso é Brahman, e não aquilo que é meditado como tal.

Aquilo que não é ouvido pela audição e por meio do qual a audição é ouvida - saiba que isso é Brahman, e não aquilo que é meditado como tal.

Aquilo que não é respirado pela respiração e por meio do qual a respiração respira - saiba que isso é Brahman, e não aquilo que é meditado como tal. (Kena-upanishad, 1.3-9, em Gambhirananda, 2002, p. 48-57)

Vamos dar uma olhada em outro dos Upanishads.

O Ser (Atman) não nasce nem morre; ele não se originou de nada, nem nada se originou dele; não nascido, eterno, não degenerado, antigo como é, ele não está morto, embora o corpo esteja morto (katha-upanishad, 1.2.18; ibid, p.151).

Ele se move, ele não se move; ele está longe, ele está perto. Ele está dentro de tudo e está fora de tudo (ihsa-upanishad,5, ibid., p 12).

O conhecimento desse único Absoluto, *Brahman*, e de seu reflexo individualizado nos seres, o eu (*Atman*), pressupõe a redução das categorias de dualidade a uma unidade.

Para Shankara, *Brahman* é a única realidade, existindo em si mesma e por si mesma; nenhuma característica, limite, determinação ou modo pode ser atribuído a ela; ela está além da capacidade dos sentidos e da consciência. Para nós, seria a mente, o profundo.¹⁰ É a testemunha silenciosa, é transcendente, não temos contato direto com o absoluto, por causa de Maya, as formas e os nomes que acreditamos ser a única realidade. O mundo é relativamente real e Brahman é absolutamente real. O eu individual não existe. Brahma é o único sem um segundo.

Advaitistas contemporâneos

Muitos seguiram seus passos, que, por sua vez, inspiraram outros da mesma escola. Ele também serve de referência para este estudo:

Bhagavan Sri Ramana Maharshi.

Bhagavan, o Senhor encarnado, *Sri*, prefixo de respeito *Ramana*, o doce, *Maharshi*, grande sábio. Ele nasceu no sul da Índia, em Tamil Nadu (1879 - 1950). É considerado um Neo-Advaitista, pois a maior parte de seus ensinamentos baseia-se em sua própria experiência, priorizando o silêncio e a auto investigação entre outras tradições hindus. Ele deixa muita liberdade para o uso das outras ferramentas propostas por Shankara.

Ele é considerado um grande sábio e Mestre do Silêncio. Ele viveu por muitos anos em uma caverna em silêncio absoluto na famosa montanha sagrada Arunachala, na cidade de Tiruvannamalai. Esse se tornou um dos mais importantes locais de peregrinação no sul da Índia. Ele transmitiu sua experiência de silêncio e muitas pessoas vieram visitá-lo de toda a Índia e de diferentes partes do mundo, inclusive Mahatma Gandhi, que também subiu a montanha para pedir sua bênção. Quem buscava paz o visitava, permanecia em silêncio por muito tempo, sentindo sua presença e, por meio

¹⁰ A função da consciência é definir e estruturar, dando nomes às coisas.

da sintonia e de seu olhar, muitos entravam na experiência de contato com o profundo. Essa era sua forma favorita de transmissão e, para aqueles que faziam muitas perguntas e não conseguiam se conectar por meio do silêncio, ele lhes falava sobre autoinvestigação. (Anexo à sua biografia).

Pude ver pessoalmente, enquanto subia a montanha sagrada Arunachala, em direção à caverna de Ramana Virupaksha, que o silêncio se aprofunda. Não há mais buzinas, não há mais sons do templo; tudo está em silêncio, em uma brisa suave e refrescante.



Escalada da montanha Arunachala

Maharaja Sri Nisargadatta

Maharaja Sri Nisardagatta (1897 - 1981), nascido em Bombaim. Ele também era um neo-Advaitista. De uma família pobre, sem recursos, ele tinha uma certa busca mística. Aos 33 anos, foi consultar um guru que lhe disse: "*o mais importante é dedicar-se a descobrir quem eu sou*". E o mais extraordinário é que ele percebeu sua iluminação. Em três anos de prática, ele teve a experiência da realização do "si mesmo".

Ele transmite sua sabedoria por meio do poder de suas palavras e debate com perguntas e respostas como "Eu sou isso". De forma muito semelhante a Ramana, ele ensina a auto investigação como um insumo e também por meio de mantras. Ele é visitado por pessoas de diferentes partes do mundo e de toda a Índia. Ele as recebia em um pequeno espaço em seu apartamento em Bombaim (apêndice da biografia).

Onde o Advaita está localizado dentro do hinduísmo.

Entrevista com Veda Pada Sali. Escola Veda no Templo Srirangam.

Procuramos a escola no templo Srirangam, em Trichy, um enorme templo dedicado a Vishnu. Eles imediatamente abriram a porta e nos deixaram entrar.

Somos atendidos por um aluno de 19 anos e outros mais jovens, aos quais ele também ensina o que sabe. Nessa escola, eles educam brâmanes. Essa escola é apenas para homens.

Perguntamos a eles como é a educação deles.

Ele responde que começam aos 7 anos de idade e até os 12 aprendem o básico: sânscrito, mantras, como cantar os Vedas (que é uma disciplina, uma forma de ler, de repetir os sons). Esse estágio de 5 anos é para abrir o coração para Deus (Brahman), para se render à experiência do divino.

Os quatro anos seguintes são dedicados a aprender a enxergar mais profundamente, a entender como eles veem as coisas. Esse estágio é chamado de Tarkaszasztram. Trata-se da vida.

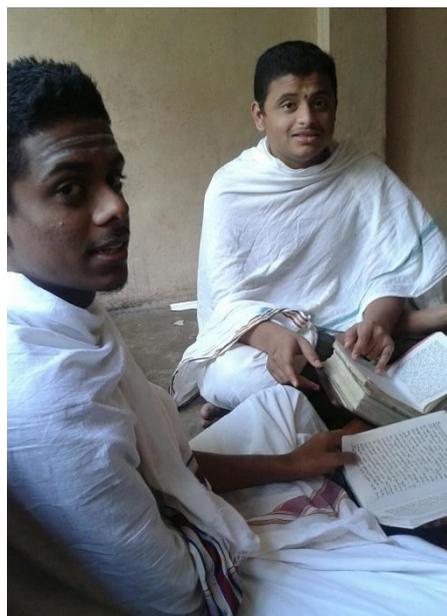
Eles se perguntam: o que estou vendo? Para eles, há quatro formas de ver: olhando, escutando com o ouvido, com a representação, com a memória. (Aqui vemos os rudimentos do primeiro quaternário da disciplina Mental, aprendendo a ver, sem devaneios, reconhecendo os diferentes sentidos na consciência, como a consciência se estrutura e a ação da memória).

Eles estão cientes das diferentes interpretações da consciência. Por exemplo, ele vê a bicicleta de um amigo na rua e imagina que seu amigo está lá. Mas depois ele confirma que seu amigo havia deixado a bicicleta lá na noite anterior.



Trainee da Escola Veda Pada

Os quatro anos seguintes são dedicados à fonologia (que trata dos padrões dos sons das vogais, especialmente os diferentes padrões de sons em diferentes idiomas ou, em um mesmo idioma, os diferentes padrões de sons em diferentes posições nas palavras). Eles aprendem como pronunciar palavras em sânscrito, onde parar e assim por diante. Da mesma forma, para cantar, há uma disciplina rigorosa. Eles devem cantar de uma determinada maneira, mas dentro desse trabalho podem fazer suas interpretações. Eles cantam os Vedas conectando-se com os "deuses".



Professor e estagiário da Escola Veda Pada.

Depois de todo esse processo, apenas alguns deles começam a estudar Vedanta e depois Advaita. Mas muito poucos deles vêm para cá. A maioria deles se casa e trabalha como professor ou nos templos.

Perguntamos ao jovem estudante sobre sua experiência. Ele disse que a experiência acontece acidentalmente durante esse processo e que, quando eles fazem as cerimônias nos templos, têm mais experiências.

Perguntamos a ele como eles conseguem permanecer no centro.

Ele disse que pratica a respiração pranayama três vezes ao dia por meia hora.

* Vídeo Templo de Shiramgam, criança aprendendo a cantar os Vedas em sânscrito. Como faziam há milhares de anos. Link <https://youtube.com/watch?v=f0qwwUD-Olc>

*Vídeo Crianças cantando os Vedas do Ashram de Ramana. <https://youtube.com/shorts/LZTeSZfuHbk?si=mYFdwgsEJaKQ7K7m>

Continuamos a localizar os advaitistas no hinduísmo.

(Auto-investigação “Vicharasangraham” de Bhagavan Sri Ramana Maharshi)

Estes são os ramos da ioga, ou etapas do ascetismo: yama, niyama, asana, pranayama, pratyahara, dharana, dhyana e samadhi.

1. Yama: refere-se ao cultivo dos princípios de boa conduta, como a não-violência (ahimsa), a verdade (satya), o não-roubar (asteya), o celibato (brahmacharya) e a não-posse (aparigraha).

2. Niyama: refere-se à observância de regras de boa conduta, como pureza (saucha), alegria (santosha), austeridade (tapas), estudo de textos sagrados (svadhyaya) e devoção a Deus (Isvara-pranidhana).

O propósito de yama e niyama é alcançar todos os bons caminhos abertos para aqueles que se qualificam para moksha (liberação).

3. Asana: das várias posturas corporais, oitenta e quatro são as principais. Dessas, novamente, quatro, a saber, simha, bhadra, padma e siddha, são consideradas excelentes. Dessas, siddha é considerada a posição superior.

A posição de Siddhasana é a seguinte: O calcanhar esquerdo é colocado sob o órgão genital e o calcanhar direito sobre ele. Os olhos ficam fixos entre as sobrancelhas enquanto o corpo permanece imóvel e reto como uma estaca.

4. Pranayama: De acordo com as medidas prescritas nos textos sagrados, exalar o ar vital é rechaka, inalar é puraka e retê-lo no coração é kumbhaka.

Portanto, o pranayama deve ser praticado diariamente de acordo com a capacidade de cada um, de forma lenta e gradual. Então, surge na mente o desejo de descansar na bem-aventurança imóvel. Depois disso, você deve praticar pratyahara.

5. Pratyahara: consiste em regular a mente, impedindo-a de fluir para nomes e formas externas. A mente, que até então estava distraída, agora passa a ser controlada.

¹¹Os auxílios para essa tarefa são: 1, meditação no pranava: 2, fixar a atenção entre as sobrancelhas; 3, olhar para a ponta do nariz; e 4, refletir sobre o nada. A mente que se concentrou dessa forma estará apta a permanecer em um único ponto. Depois disso, você deve praticar dharana.

6. Dharana: é a fixação da mente em um local adequado para a meditação. Os locais que são eminentemente adequados para a meditação são o coração e o Brahma-randhra (abertura no topo da cabeça). Você deve pensar nisso como se estivesse situado no meio do lótus de oito pétalas. Nesse local, há um brilho semelhante a uma chama, a Deidade, que é o Ser, ou seja, Brahman, e você deve fixar sua mente nele. Depois disso, você deve meditar em dhyana.

7. Dhyana: Essa é a meditação por meio do pensamento "Eu sou Ele", de que você não é diferente da natureza da chama mencionada acima. Se, nesse momento, você fizer a pergunta "Quem sou eu?", então, como declaram as escrituras, "O Brahman, que está em toda parte, brilha no coração como o Eu, que é a testemunha do intelecto", você descobrirá que é o Eu Divino que brilha no coração como "Eu mesmo". Esse modo de reflexão é a melhor meditação.

8. Samadhi: Como resultado da fruição da meditação acima, a mente se dissolve no objeto de meditação sem abrigar as ideias "Eu sou fulano de tal; estou fazendo isso e aquilo". ¹²Esse estado sutil em que até mesmo o pensamento "eu" desaparece é o Samadhi.

¹³ Se você praticar isso todos os dias, tomando cuidado para não cair em sono profundo, Deus logo lhe conferirá o estado supremo de quietude da mente.

Objetivo dos Advaitistas

Esse propósito é realizar o eu e transcendê-lo, alcançar a presença pura, conectar-se com o profundo. Eles se propõem a permanecer no propósito buscando, indagando, questionando todos os dias e todas as horas, entregando a vida a essa descoberta, com muita devoção e misticismo para "Quem sou eu?" ("*Tem que ser seu propósito principal, você pode se atrasar se quiser muitas coisas e estiver ocupado em alcançá-las, você tem que parar de se dividir entre impulsos contraditórios*"¹⁴).

¹¹ Aquilo que existe antes do nascimento dos deuses, de todos os seres e da criação das coisas.

¹² Hugo Novotny, *The Buddha's Entry into the Profound*. O Buda relembra uma experiência de infância em que ele foi inesperadamente mergulhado em um estado de transe iogue (samadhi) com registros extáticos e grande clareza mental, p2.

¹³ Mente tranquila, que está quieta e pode ter movimento próprio.

¹⁴ Nisargadatta. *Eu sou Isso*

Anotações de Psicologia de Silo. Em Psicologia III, ele escreve:

"O profundo" (também chamado de "self" em algumas correntes psicológicas contemporâneas). Não é exatamente um conteúdo da consciência. A consciência pode alcançar "o profundo" por meio de um trabalho especial de internalização. Nessa internalização, aquilo que está sempre oculto, encoberto pelo "ruído" da consciência, irrompe. É no "profundo" que se encontram as experiências de espaços e tempos sagrados. Em outras palavras, é no "profundo" que encontramos a raiz de todo misticismo e sentimento religioso¹⁵.

Mudança no estilo de vida e na paisagem

Os advaitistas propõem um modo de vida e uma mudança na paisagem formativa; uma vida de não violência, de lembrança de si mesmo, um aprofundamento do olhar que leva ao despertar.

A abordagem mais direta de Ramana Maharshi é conectar-se por meio do silêncio e da auto investigação "Quem sou eu?"

Aprofundando o olhar, posicionando o observador de maneira incomum, levando a atenção a uma profundidade maior e permanecendo ali na sensação de eu sou o maior tempo possível, mantendo a sensação de presença, descartando todos os conceitos que definem alguém, saindo do devaneio, até chegar à experiência do silêncio, à experiência do imanifesto, sem limites.

O deslocamento do olhar para a interioridade, desprendendo-se do eu ligado à pele, modifica a estrutura do dualismo, aproximando um centro de unidade e uma nova compreensão do mundo, em que as oposições são entendidas como formas de estruturação e não como realidades em si mesmas. ¹⁶

Parágrafos de Ramana e Nisargadatta

Esses textos nos ajudarão a sentir sua atmosfera.

Para eles, *Ahimsa*, não-violência, significa não causar danos. Não é fazer o bem que vem em primeiro lugar, mas parar de fazer o mal, não aumentar o sofrimento. Agradar aos outros não é *ahimsa*.

Esteja ciente de você, observe sua mente, preste atenção a ela. Sua psique passará por uma mudança, haverá mais clareza em seu pensamento, caridade em seus sentimentos, pureza em seu comportamento. Pois o que

¹⁵Ed. Ulrica p. 305.

¹⁶Dario Ergas. *Unidade, dualismo e liberdade em Zaratustra*. p10

você é agora é o resultado da desatenção e o que você se tornará será o fruto da atenção.

Atenção significa interesse e também amor.

Para saber, fazer, descobrir ou criar, você deve dedicar seu coração a isso, o que significa atenção. Todas as bênçãos fluem disso. Dê sua atenção à coisa mais importante de sua vida, você mesmo. Você não presta atenção em si mesmo. Sua mente está sempre voltada para coisas, pessoas e ideias, nunca para você. ¹⁷

Eles dizem:

A consciência é a própria inquietação. Consciência significa perturbação; a própria inquietação é a consciência. Tudo o que ela conhece é a inquietação, com seus vários modos e graus. É o fato de se considerar o que você não é que o aprisiona. Além do si mesmo está o não manifesto. ¹⁸

Desista de todas as perguntas, exceto uma: "Quem sou eu? Afinal de contas, o único fato de que você tem certeza é que você é. O "eu sou" é verdadeiro. O "eu sou isso" não é verdadeiro. Esforce-se para descobrir o que você realmente é.

Para saber o que você é, primeiro você deve investigar e saber o que você não é. Descubra tudo o que você não é: o corpo, os sentimentos, os pensamentos, o tempo, o espaço, isso ou aquilo. Nada, concreto ou abstrato, que você perceba, pode ser você. ¹⁹O próprio ato de perceber mostra que você não é o que percebe.

Aqui encontramos rudimentos de disciplina mental, sem passos metódicos: onde a atenção é internalizada cada vez mais profundamente, eu não sou apenas o corpo (os sentidos, primeira quaterna); eu não sou isso ou aquilo (objetos de consciência, tendências da memória, encadeamento, segunda quaterna); estar em presença, registro do ser, (um e todos iguais, conectar-se com o eu com a mente, espiritualidade, terceira quaterna).

Quanto mais claramente você perceber que, no nível da consciência, só pode ser descrito em termos negativos, mais rapidamente chegará ao fim de sua busca e perceberá que você é o ser ilimitado.

Você não pode dizer que é o que pensa que é! Suas ideias sobre você mudam de um dia para outro e de momento para momento. E para saber o que você não é, você deve se observar cuidadosamente, rejeitando tudo o que não está necessariamente de acordo com o fato básico: "Eu sou". As ideias: eu nasci em um determinado lugar, em uma determinada época, de

¹⁷ Nisargadatta, eu sou isso.

¹⁸ Mudei o termo mente que ele usa para consciência. Nisargadatta

¹⁹ Nisargadatta

meus pais, e agora sou fulano de tal, moro em, sou casado com, sou pai de, sou empregado de, etc., não são inerentes ao sentimento de "eu sou". Nossa atitude habitual é "Eu sou isso".

Separe de forma consistente e perseverante o "eu sou" do "isto" ou "aquilo" e tente sentir o que significa ser, apenas ser, sem ser "isto" ou "aquilo". ²⁰.

Relaciono isso ao capítulo sobre o sonho e o despertar do Olhar Interior.

Posso considerar real o que vejo enquanto estou acordado e sem devaneios. Isso não se refere ao que meus sentidos registram, mas às atividades da minha mente quando elas se referem aos "dados" do pensamento. Porque os dados ingênuos e duvidosos são fornecidos pelos sentidos externos e internos e também pela memória. O ponto válido é que minha mente sabe disso quando está acordada e acredita nisso quando está dormindo. Raramente percebo o real de uma nova maneira e então entendo que o que vejo geralmente se assemelha a um sonho ou a um semi-sonho. ²¹

As frases a seguir são de Nisargadatta, em relação a quem eu sou para alcançar o eu.

Em vez de procurar o que você é, encontre o que é aquilo que você nunca perdeu, o que está lá antes do início e depois do fim de tudo.

Esse estado, que não é afetado pelo nascimento e morte de um corpo ou de uma consciência, você deve perceber.

Deixe tudo de lado e permaneça disposto a permitir que o real se manifeste. Essa auto manifestação é mais bem expressa nas palavras: Eu sou.

Tudo é memória trazida para o agora.

O que é nascimento e morte senão o início e o fim de um fluxo de eventos na consciência?

É um trabalho semelhante ao proposto pelo budismo, que consiste em retirar as coisas e ir além da mecânica da consciência para o eu.

Eles propõem instalar o olhar centrado no registro do ser, na autoconsciência e em uma configuração aberta da consciência e ir além dela. Abandonar as crenças que você tem sobre si mesmo e que nos limitam.

Isso ajuda a chegar à experiência por não se identificar com o corpo e eles tentam minimizar o eu por não reconhecê-lo como um agente.

Ramana nos diz: Você é a consciência. Consciência é outro nome para você. Como você é consciência, não há necessidade de ganhá-la ou cultivá-la. Tudo o que você precisa fazer é deixar de estar consciente de outras coisas, ou seja, do não-Eu. ²²Se você deixar de estar ciente delas, só restará a consciência pura, que é o Ser.

²⁰ Nisargadatta. Eu sou isso.

²¹ Capítulo VI, A Mensagem de Silo

²² Ramana. O que eu sou p.12

Passo 10 da Disciplina mental.

Ver o que não é forma-movimento. Você pode intuir um âmbito que é alheio à forma e ao movimento, uma forma que não surge como "nada". Quando nego o encadeamento, encontro-me com algo que escapa à consciência, ao encadeamento de objetos, de paisagens. Algo que não depende dessas determinações. Quando essa intuição de compreensão ocorre, produz-se uma ruptura de nível.²³ Uma experiência de descarte.

Ramana nos diz: Você mesmo impõe limitações à sua verdadeira natureza como um ser infinito e depois chora porque é apenas uma criatura finita. Mas se a sua prática espiritual pressupõe a existência de limitações, como ela pode ajudar você a transcendê-las?

Portanto, eu lhe digo que sei que você é realmente o ser puro e infinito, o Ser. Você é sempre o Ser e nada mais que o Ser. Portanto, você nunca pode ser realmente ignorante do Ser. Sua ignorância é meramente uma ignorância imaginária. Saiba, então, que o verdadeiro conhecimento não cria um novo eu para você, ele apenas remove sua ignorância. A felicidade também não é adicionada à sua natureza, ela apenas se revela como seu verdadeiro estado natural, eterno e imperecível. A única maneira de você se livrar do sofrimento é conhecer e ser o Ser.

Relaciono isso a crenças que temos muito arraigadas. Nesse sentido, temos esta meditação no texto do Caminho: "Não pense que você está acorrentado a este Espaço e a este Tempo".²⁴

No nível mais elevado, nada é; no nível mundano, tudo é.

Tudo isso está correto no nível mundano, mas, na verdade, nada é. Você não pode fazer isso. No nível mais elevado, na verdade, nada é. No nível mundano, tudo é. No nível mundano, tudo é.

Ela não precisa da ajuda de ninguém para existir e precisa apenas ser compreendida. E quando é compreendido, também fica claro que eu sou o amanhecer, que eu sou o entardecer, que eu sou o anoitecer, que eu sou a noite. Que eu sou o bom, que eu sou o ruim. E o que você precisa entender é que, se a consciência não está aqui, o mundo não está aqui. E eu não sou a consciência; estou separado dela. Embora a consciência seja muito importante - porque se não houvesse consciência não haveria mundo, não haveria nada -, mas eu não sou isso.²⁵

Isso me parece semelhante ao Passo 8 da disciplina mental: Ver o permanente em você mesmo e em tudo. Nessa etapa, você reconhece a estrutura da consciência mundo.

²³ As quatro disciplinas. www.parquepuntadevacas.org.

²⁴ A Mensagem de Silo

²⁵ Nisargadatta, livro a experiência do nada.

A entrada. Autoinvestigação

Como é praticada

A auto investigação consiste em levar a atenção a um olhar mais profundo, tornando-se consciente da configuração da consciência naquele momento. Esse é o caminho para sair do devaneio, elevando o nível de consciência em direção ao despertar. É voltar o olhar para si mesmo, aprofundando o nível de autoconsciência.²⁶

Ramana Maharshi chama a investigação do Ser de "o mais sagrado dos sagrados". Ramana explica: "O que é essencial para qualquer sadhana (prática espiritual) é tratar de trazer de volta a mente dispersa e fixá-la apenas em uma coisa. Por que não trazê-la de volta e fixá-la na atenção ao Ser (nessa sensação de existir)? Só isso é a indagação do Ser. É tudo o que você precisa fazer!"

Silo nos diz que, sem um centro de gravidade, nada pode ser permanente. Somente o homem pode alcançar a permanência dentro de si mesmo. ²⁷E isso só pode ser adquirido pelas instâncias de um trabalho interior ou pelas instâncias de um grande amor.

É um modo de vida. Trata-se de internalizar o observador e permanecer ali, até se estabelecer no ser, no estar sendo (ato), estar em presença, em silêncio, apenas ser, até deixar as categorias de tempo e espaço de como as registramos diariamente.

Os iniciantes em autoinvestigação foram aconselhados por Sri Ramana a colocar sua atenção na sensação interna de "Eu sou" e a se apegar a essa sensação o máximo possível. Se sua atenção fosse distraída por outros pensamentos, eles deveriam retornar novamente à consciência do pensamento "Eu sou". Ou seja, estar em autoconsciência.

Ele sugeriu vários auxílios para ajudar nesse procedimento - a pessoa poderia se perguntar "Quem sou eu?" ou "De onde vem esse eu?" - mas o objetivo final era estar continuamente consciente do "eu sou", que ele supõe ser responsável por todas as atividades do corpo e da consciência. Nos estágios iniciais da prática, a atenção à sensação do "eu sou" é uma atividade mental que assume a forma de um pensamento ou uma percepção. À medida que a prática se desenvolve, o pensamento "Eu sou" dá lugar a uma sensação subjetiva de "Eu sou" e, quando essa sensação deixa de se conectar e se identificar com pensamentos e objetos, ela desaparece completamente.

O que resta é uma experiência de ser na qual o senso de individualidade deixou de funcionar temporariamente.

A experiência repetida desse estado de ser enfraquece e destrói os vasanas (tendências mentais) que fazem surgir o pensamento do "eu" e, quando sua força foi suficientemente enfraquecida, o poder do Eu destrói as tendências residuais tão completamente que o pensamento do "eu" nunca mais surge. Esse é o estado de autorrealização final e irreversível²⁸.

²⁶ Autoconsciência. Dicionário do Novo Humanismo.

²⁷ Silo Charla de Filipinas 1975

²⁸ Tendências Mentais.

Essa prática de autoatenção ou consciência do pensamento "eu sou" é uma técnica suave que deixa de lado os métodos repressivos usuais de controle da mente. Não se trata de um exercício de concentração nem visa à supressão de pensamentos; apenas invoca a consciência da fonte da qual a mente surge. O método e a meta da auto investigação é permanecer na fonte da consciência e estar ciente do que você realmente é, retirando a atenção e o interesse do que você não é.

Por fim, o Ser não é descoberto como resultado de se fazer algo, mas somente pelo fato de você ser. Como o próprio Sri Ramana apontou certa vez:

"Não medite - seja! Não pense que você é - seja! Não pense em ser - você é!

Não é considerada uma prática de meditação que ocorre em determinados momentos e em determinadas posições; ela deve continuar durante todo o dia, durante as horas em que se está acordado, independentemente do que se esteja fazendo. Ele não vê conflito entre a vida cotidiana e a auto indagação e afirma que, com um pouco de prática, isso pode ser feito em qualquer circunstância.

*Trazer a mente para o sentido de "eu sou" ajuda a afastá-la de todo o resto. Quando a mente é mantida longe de suas preocupações, ela se torna serena. Se você não perturbar essa quietude e permanecer nela, descobrirá que ela é permeada por uma luz e um amor que você nunca conheceu antes e, ainda assim, você os reconhece instantaneamente como sua própria natureza. Depois de passar por essa experiência, você não será mais o mesmo, enquanto continuar a manter esse esforço, chegará o dia em que todos os laços serão rompidos, todas as ilusões e apegos acabarão e a vida se tornará supremamente concentrada no presente²⁹. *Nisargadatta 300 - Eu sou isso.*

Essa etapa transcende o observador e o que é visto. Não há nenhum observador lá para ver nada. O observador que está vendo tudo isso agora deixa de existir e apenas o Ser permanece.

A lembrança de si mesmo está na consciência, a auto realização está além da consciência. Não se trata de devoção a uma pessoa, mas da firmeza e profundidade de sua devoção à tarefa. Se você não tiver posses, físicas e mentais, se estiver livre de todo interesse próprio, esteja aberto à descoberta³⁰.

Silo descreve um procedimento semelhante:

Eu poderia trabalhar com meu vazio interior. Mas como posso obter esse vazio? Se eu quiser esvaziar minha mente, não ouvir nada, não ver nada, com essa força, o oposto acontece comigo. Essa não é a maneira de trabalhar com esse vazio.

Tentarei fazer a mim mesmo esta pergunta: O que tenho procurado durante toda a minha vida? Quando penso assim, fico eliminando coisas e meu

²⁹ Nisargadatta 300 - Eu sou isso

³⁰ Ramana, o que eu sou

computador começa a descartar cartas, eliminando, isso não é, isso não é, isso não é, isso não é, isso não é..., então começo a entrar....

E como não encontrar o que tenho procurado durante toda a minha vida..., eliminando coisas, nas quais encontro os limites de minha forma mental, encontro a configuração energética da mente, encontro atos e não objetos³¹.

Também é muito semelhante ao que Eduardo Gozalo descreve em "La conversión"³²

Outra experiência é a "percepção" do "dar-se conta", como a aparência do fenômeno mental, daquela mente transcendental às causas e condições. Essa realização de "si mesmo" nos leva a uma contemplação do "observador"; o pensamento ou a divagação são paralisados para dar lugar ao tempo sem limites. Nesse estado, a ação no mundo tende a parar, porque essa experiência é absorvente, você fica chocado ao encontrar algo desconhecido e ao mesmo tempo familiar, "algo" que sempre esteve com você, mas que não havia reconhecido como algo diferente do mundo conhecido. Isso muda completamente a direção da vida e há uma conversão do significado da vida, pois surge uma nova concepção do mundo, vendo-o como ilusório e à mercê dos eventos do mundo.

Estar no centro. Em contato com a mente.

O Centro Luminoso, para Sri Ramana

*O si mesmo, a fonte a partir da qual todas as aparências se manifestam, fala do coração como a sede da consciência e como idêntico ao **si** mesmo. Você pode chamá-lo de qualquer nome, Deus, Ser, Coração ou sede da consciência, é tudo a mesma coisa. O que você deve entender é que o coração significa o âmago do seu ser, o centro, sem o qual não há nada.*

O coração não é físico, é espiritual. Hridayam é igual a hrid mais ayam; significa "este é o centro". É aquilo a partir do qual os pensamentos surgem, no qual eles subsistem e no qual são resolvidos. Os pensamentos são o conteúdo da consciência e formam o universo. O Coração é o centro de tudo. Nas Upanishads, diz-se que aquilo a partir do qual os seres passam a existir é Brahman. Isso é o coração. ³³Brahman é o coração.

³¹ Trecho, Palestra sobre Religião Interior. Filipinas, 1975. Silo

³² Comentários sobre a mensagem de Silo p.95

³³ Ramana - Seja como você é. p17.

Realizing the Self, em Silo.

E se entendermos que o olhar interno é necessário para revelar o significado que o impulsiona, entenderemos que em algum momento o observador terá de ver a si mesmo. Esse "eu" não é o olhar. Nem mesmo a consciência - esse "eu" é o que dá significado ao olhar e às operações da consciência. Ele é anterior e transcendente à própria consciência. De uma forma bem ampla, chamaremos esse "eu" de "Mente" e não o confundiremos com as operações da consciência nem com a própria consciência. ³⁴

Na Mensagem de Silo, nas *Meditações sobre o Caminho*, ele diz:

Não deixes passar tua vida passe sem te perguntar: "Quem sou?". No sentido de "eu" e do que distorce o que se refere ao "eu".

Não deixes passar um dia sem te responder Quem és? Na lembrança diária de si mesmo em relação à finitude. ³⁵

Em conversas posteriores, ele diz: Será bom que investiguem quem sou e para onde vou.

Sou quem penso que sou? Sou quem a memória diz que sou? O que sou e o que não sou? Sou memória? Sou percepção? Sou eu, e esse eu é permanente? Onde está esse eu permanente que às vezes é de um jeito, às vezes de outro? E quando você dorme, é o mesmo eu? E quando você está acordado?

Silo continua:

O Caminho - isso não é nem uma página! São apenas algumas palavras, com algumas perguntas que nos parecem ser talvez as perguntas mais importantes que alguém pode fazer a si mesmo. Quem sou eu? Para onde vou? Uma coisa é você dizer as frases: "Quem sou? Para onde vou?"

Outra coisa é sempre pensar em quem eu sou, para onde vou. E o que eu penso no primeiro dia acaba sendo diferente no segundo, no terceiro e no quarto dia e, então, quem sou? (risos) Mas como pode ser? Eu sou! Ah, claro, como uma pedra, como algo fixo! Ah, não, não, não, não, não... ³⁶ Isso me ensina muitas coisas, cria problemas, é verdade, mas também me ensina muitas coisas.

Você se pergunta quem sou e para onde vou e todas essas coisas e recebe respostas ou semi-respostas ou pseudo-respostas, está sempre dizendo coisas. ³⁷ Hoje de uma forma, amanhã de outra, mas parece que essa pergunta, sobre quem sou, para onde vou, não é respondida com frases, não é respondida com frases.

³⁴ Comentários à Mensagem de Silo. Silo. Punta de Vacas 03/ 2009.

³⁵ Comentários à Mensagem de Silo. Silo. O Caminho 2009.

³⁶ *Conversa com Mensageiros Santiago 2002*

³⁷ Bate-papo com Mensajeros. *A caçadora 09/2005*

Com a Meditação do Caminho, também podemos entrar nas profundezas e transformações de nossas crenças, adquiridas na paisagem de formação de nossa infância.

Jnana, a experiência do profundo

Para eles, Jnana é a experiência do profundo.

A experiência da suspensão do eu às vezes é chamada de jnana ou conhecimento.

Esse termo não deve ser entendido como se houvesse uma pessoa que tivesse conhecimento do Ser, porque no estado de autoconsciência não há um conhecedor localizado, nem há nada separado do Ser que possa ser conhecido. O verdadeiro conhecimento, ou jnana, não é um objeto de experiência, nem é uma compreensão de um estado distinto e separado do sujeito conhecedor; é uma consciência direta e cognitiva da única realidade na qual tanto os sujeitos quanto os objetos deixaram de existir. Aquele que está estabelecido nesse estado é conhecido como jnani. Você sabe que somente jnana é o não-apego; que somente jnana é a pureza; que somente jnana é isento de esquecimento do Eu, é imortal; que somente jnana é tudo³⁸.

Para aqueles que vivem no Ser como beleza sem pensamento, não há nada em que pensar. Você deve se ater apenas à experiência do silêncio, pois nesse estado supremo não há nada a ser alcançado além de si mesmo³⁹.

O Jnani é aquele que teve a experiência do profundo, aquele que realizou a transformação profunda e essencial.

O jnani está além da vida e da morte. O que consideramos inevitável - nascimento e morte - parece para ele apenas uma forma de expressar o movimento do imutável, a mudança no imutável, o fim no infinito. Nada dura e nada muda, que tudo é como é atemporal.

O esquecimento do eu é escuridão. A sabedoria está em nunca esquecer o eu como a fonte sempre presente do experimentador e de sua experiência. Tanto o corpo quanto a consciência são estados intermitentes. A soma total desses flashes cria a ilusão da existência⁴⁰.

O jnani morreu antes da morte, ele viu que não há nada a temer. No momento em que você conhece seu verdadeiro eu, não tem medo de nada. Para ser livre no mundo, você deve morrer para o mundo. Dependência é escravidão. Não desejando nada, nem dos outros nem de si mesmo, você morre para tudo e se torna o todo. Contemplar o universo emergindo e

³⁸ Ramana. *Seja como você é*.

³⁹ Nisargadatta.

⁴⁰ Ramana *Seja como você é*.

submergindo em seu coração é uma maravilha. Perceba o que é essencial: que o mundo e o eu são unos e perfeitos⁴¹.

Chame isso de silêncio, vazio ou suspensão, o fato é que nenhum dos três - nem o experimentador, nem o experimentar, nem a experiência - está lá. Na presença, no sentir a presença, na consciência de si, a sensação de ser isso ou aquilo não existe. ⁴²O eu não identificado permanece.

Síntese para reflexão

Esse estudo me ajudou muito a entrar no hinduísmo e a entender algo importante sobre essa cultura.

Há um propósito muito claro que é chegar à experiência do profundo ou da "realização de si mesmo" com muita carga afetiva que leva a um estilo de vida de estar atento, na presença do eu, na presença de um observador colocado mais no profundo, saindo da dualidade, experimentando a unidade.

O Advaita Vedanta é um caminho de experiência em direção ao profundo, com um propósito muito forte de investigar Quem sou? Trata-se de limpar o que perturba, para poder se colocar na presença, no ser, permanecendo dentro do eu, aprofundando o registro do eu, até que o eu seja suspenso.

O ensinamento básico é o do Advaita Vedanta. A experiência plena do Ser é a meta; a investigação sobre a natureza do Ser é o meio. Quando a mente identifica o Ser com o não-Ser (o corpo, etc.), há escravidão; quando essa falsa identificação é eliminada por meio da pergunta "Quem sou?", há liberação.

O que me chamou a atenção foi a forma de entrada com silêncio, ou auto indagação, sem ritos, cânticos ou deuses. Isso é bem diferente no hinduísmo, com seu panteão de centenas de milhares de deuses.

A auto indagação não é a introspecção de seu próprio conteúdo pela consciência; é o rastreamento do primeiro modo de consciência, o pensamento do "eu", até sua fonte, que é o Ser. Quando há uma investigação adequada e ela persiste, o pensamento cessa e há uma iluminação sem palavras e sem forma; é a consciência pura liberada do condicionamento.

O método pelo qual isso é alcançado é o silêncio, ou a investigação sobre Quem sou?

A entrada favorita de Ramana, como já dissemos, era o silêncio. Ele emanava uma força silenciosa que acalmava as mentes daqueles que estavam sintonizados e lhes dava a experiência direta do estado no qual ele estava permanentemente imerso.

A outra entrada para aqueles que tiveram dificuldade de se sintonizar com o silêncio e fizeram muitas perguntas é a auto indagação, o Quem sou, que é a capacidade da consciência de voltar a si mesma, de estar ciente de si mesma e sair da estrutura

⁴¹ Nisargadatta.

⁴² Nisargadatta *Eu sou isso*

mecânica, onde tudo o que ela faz se refere a algo, a um objeto de consciência. A experiência é produzida seguindo o rastro do "eu" até que ele não tenha mais nada a que se associar, fazendo com que a diferença entre sujeito e objeto desapareça, permanecendo na unidade.

Quando tudo se junta em unidade, forma-se um tipo de autoconsciência (energia girando sobre si mesma, isso é espírito).⁴³Silo

Com a entrada no "quem sou", eles tentam estar sempre conscientes, estar no centro, ir em direção à consciência inspirada, ao silêncio, ao vazio, além da consciência, transcendendo-a e reconhecendo essa alteridade que permite o olhar, a ponto de sair do tempo e do espaço, suspendendo o eu.

Outra entrada também pode estar no nível de sono

É um ponto de união entre dois mundos, o da representação e o da não-representação. Torna-se uma possível "entrada" para o "outro mundo", que é experimentado como uma liberação da dualidade de fora para dentro, bem e mal, ato e objeto...⁴⁴como uma libertação de todo medo e desejo, como um estado de suspensão dos sentidos e de toda atividade psíquica, onde não há mais identidade individual e onde o único desejo que permanece é o propósito: o desejo pelo Ser, de conhecer e se tornar Brahman (o Absoluto, a Realidade Suprema, a Bem-aventurança Suprema, o vazio além do vazio... por qualquer nome que seja chamado).

O caminho para a suspensão dos advaitistas é descartar, remover a tendência de se identificar com o corpo, remover a tendência de se identificar com a memória, com definições, com objetos mentais. Eles rastreiam o eu, isolando-o de qualquer associação que possa ser feita, até o vazio. É semelhante ao que fazem no budismo: estou além de tudo isso.

Os registros dos trabalhos são identificados com as etapas da segunda e terceira quaternas da disciplina mental, são colocados no passo 8 da disciplina, onde tudo e todos são iguais, buscando a permanente, a estrutura, a consciência do mundo. Você registra o presente muito intenso, a presença, o ser, e passa para o passo 9: Ver a forma do movimento em ação. Passam para o passo 10: Ver o que não é forma-movimento, deixando assim o encadeamento da consciência, descartando toda percepção e representação.

Sua maneira direta de se conectar: é um caminho direto para o contato com a mente, o sagrado, sem a substituição do eu por outra entidade. Tudo isso se desenvolve a partir das contribuições experienciais das pessoas em sua busca, na devoção à verdade refletida na Upanishad e nos Rishis, sábios que alcançaram um alto entendimento espiritual. Eles foram respeitados por suas contribuições à literatura e religião hindus e, mais tarde, pelo desenvolvimento de Shankara, buscando a unidade do ser humano com

⁴³ Andrés Koryzma. Compilação, alma, corpo e espírito. p3

⁴⁴Arianne Weinberger. Trabalhando com o nível dos sonhos nas Escolas do Despertar p.18.

o divino. Tanto Ramana quanto Nisargadatta não estudaram ou conheceram muito os Vedas. O caminho que eles propõem é mais um caminho de experiência.

Shankara distingue Brahman, o absoluto sem forma e sem nome, do deus criador Brahma. Ele é o primeiro sem um segundo e coloca o ser humano em pé de igualdade com Brahman. Bem diferente do cristianismo, onde Deus é todo-poderoso, onipotente e o ser humano é um pecador expulso do paraíso. Deus está fora e sempre acima dele.

Na Índia, surgem constantemente indivíduos que se conectam com o profundo e são chamados de Santos, Gurus ou Rishis e estão recriando, revigorando o misticismo, contatando e inspirando outros, renovando a força, a devoção e a fé. Em seus ensinamentos mais antigos, encontramos os passos do ascetismo ou ramos da yoga: Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Pratyahara, Dharana, Dhyana e Samadhi.

Também pude reconhecer sua capacidade de acrescentar, de agregar, uma visão mais múltipla do mundo. Muito parecido com os brasileiros, eles estão abertos a aceitar múltiplas visões e interpretações da "realidade". Por isso, reformulam e reinterpretam suas escrituras sagradas, adaptando-se a seus novos entendimentos. É algo vivo e dinâmico, mas, ao mesmo tempo, seus antigos ritos permanecem. É possível reconhecer em seus templos sinais antigos e ver os sinais dos diferentes momentos do processo.

Fiquei impressionada com o fato de que, no hinduísmo, não há deuses, mas é um caminho de experiência, de permanecer dentro de si mesmo. Aqui você pode ver claramente a influência do budismo. Para mim, Adi Shankara introduziu o budismo no hinduísmo. Isso o transformou e tem sido a fonte da qual derivam as principais correntes do pensamento indiano moderno.⁴⁵

Experiência pessoal

Mais energia e permanência em minha ascese. Ao ter permanência na pesquisa, instalou-se um olhar mais internalizado na copresença, levando em conta o permanente. No modo de vida, o registro da memória de mim, ou presença do ser, foi se acumulando, aumentando o nível de consciência e tendo mais energia disponível, podendo ter mais acesso à consciência Inspirada e uma consciência mais lúcida.

Meu horizonte de tempo e minha memória também se ampliaram, em direção à memória da história humana, e estou cada dia mais interessado em expandi-la ainda mais.

Experiências. Um dia, lendo em meditação, com um bom tom de silêncio interior, o livro da Mensagem de Silo, IV Dependência: "*Tudo o que faço, sinto e penso, não depende de mim*". Pensei: "*Como não depende de mim, então quem sou eu, se não sou nada do que pensei!*"

⁴⁵ Mônica Cavallé p27 Advaita é uma sabedoria "viva" cujos transmissores continuaram até os dias de hoje sem interrupção, e hoje tem representantes autorizados cuja opinião é incomparavelmente mais valiosa para a compreensão interna desse conhecimento do que toda a erudição sobre o assunto.

Assim, percebi que tinha vivido minha vida até aquele momento acreditando que aquele era o "eu". Fiz de tudo para afirmá-lo, para defendê-lo, e percebi que o que era importante e permanente estava além dele. Produziu-se um efeito dominó e quedas sucessivas e rápidas na percepção de como eu havia estruturado minha vida e a mim mesma, acreditando ilusoriamente que eu era apenas aquele "eu", registrei isso como uma tragicomédia. Chorei por ter vivido assim e, ao mesmo tempo, ri por ter tido a oportunidade de reconhecer a ilusão do eu.

Agora posso reconhecer que havia condições prévias naquela experiência de reconhecimento que mencionei no início, uma entrada que me conectou a algo atemporal e ao espaço infinito. Eu me senti plena de significado. No dia a dia, eu me colocava a uma certa distância do eu, trabalhando com o silêncio mental, o que me permitia acumular energia e um bom tom; em copresença, eu brincava com a finitude da vida. Às vezes, eu me colocava no limiar, no fim da minha vida, e, olhando de lá, tomava decisões que me permitiam saber o que era importante e agir com coerência. Às vezes, eu me colocava como se não tivesse o corpo físico para agir no mundo, tinha apenas os atributos do duplo, experimentando mais os significados, uma entrada que me conectava com outro tempo e espaço.

Essa experiência de reconhecimento foi como se houvesse dois espaços com uma fronteira muito sutil, como o universo, com a matéria e a matéria escura invisível. De um lado, aparecemos, somos, e do outro, desaparecemos, somos e não somos, e não há dificuldade nisso, não há mais medo do corpo e o eu desaparece. A certeza da existência em outros espaços-tempo aparece. Eu poderia sintetizar isso no significado do Dorje: dois espaços e, no meio, o diamante. Por termos um centro, podemos experimentar os dois mundos.



Outra experiência, meditando sobre o Quem Sou? estava bem internalizada, e eu era apenas uma presença luminosa. Houve um entrelaçamento das duas perguntas e, no ponto de junção, foi como uma revelação, em que senti as respostas para as duas perguntas e tudo se iluminou, deixando-me com uma corrente de certeza de transcendência e serenidade infinita.

Pude reconhecer como o Mestre Silo me ajudou a criar as condições para ter essa experiência de reconhecimento, pela qual sinto uma gratidão infinita. Posso reconhecer em todas as suas palestras históricas em Punta de Vacas que sempre há um momento em suas palavras e tons que me emocionam porque ele faz uma entrada em outro espaço-tempo.

Muitas vezes, em sua presença, se houvesse sintonia, ele se expressava e sua sintonia nos inspirava e podíamos nos conectar a estados internos mais profundos.

Outra entrada conjunta no profundo para mim é quando ele diz: "*Enquanto as palavras estão morrendo calmamente, nossos olhares se encontram e se entendem em profundidade*" (Punta de Vacas, 4 de maio de 2004, Silo). E há também entradas conjuntas permanentes na Cerimônia do Ofício e também nas últimas meditações do Caminho.

O Profundo está sempre aqui, perdido na diversidade de nomes e formas de consciência e corpos. A comunalidade, a intersubjetividade, tudo é uma manifestação da mente na consciência.

Se, em última análise, neste espaço-tempo tudo é tradução de impulso e diferentes configurações de consciência que criam paisagens para nós, o que acreditamos sobre a realidade?

A coexistência de vários olhares com significados diferentes sobre o mesmo objeto, ou a "mesma realidade", é comum na Índia. Como se eles entendessem que pode haver diferentes traduções de uma realidade aparente.

Com a experiência do profundo, temos certeza de que podemos nos conectar a outros tempos e espaços. Cuidamos do corpo para estarmos aqui, mas também sabemos que podemos ir para outros tempos e espaços.

Em nossa cultura ocidental, tudo é voltado para o corpo; nossas casas e tudo o mais é voltado para proteger o corpo, como se fôssemos apenas isso.

E então nos reconhecemos como se fôssemos apenas esse eu mutável, que é o que mais nos perturba e nos distrai do contato com o permanente, com os espaços sagrados. Sempre no nível da consciência desperta com devaneios, perdidos nos objetos de percepção ou representação, nos movemos apenas nesse espaço-tempo. Isso reflete como nossas crenças nos limitam.

Ao ter permanência dentro de mim, sempre me sinto acompanhada, algo luminoso brilha suavemente dentro de mim e surge uma alegria suave, cheia de gratidão e o amor cresce dentro de mim. Ao internalizar o observador, eu me conecto com o todo, vejo e sinto que tudo é uma manifestação do sagrado, posso reconhecê-lo e tenho curiosidade de ver como o sagrado se expressa por meio do outro ser humano.

Não se trata de acreditar, mas de sentir, vibrar, criar e comungar. E isso não pode ser alcançado sem a autoconsciência e sem optarmos por nós mesmos, assumindo riscos, sem nos submetermos cegamente aos sentidos, à memória e à consciência mecânica.

Precisamos ter permanência na direção do profundo para consolidar esse salto evolutivo.

Nossa doutrina busca a unidade, não opõe o terreno ao eterno, integra-os em um mesmo processo, não é dualista e não enfatiza as ilusões, mas sim as configurações da consciência, o modo de estar no mundo na unidade interior que é dada pela coerência e prioriza a formação do centro de gravidade, permanecendo na autoconsciência e na configuração da consciência inspirada. Portanto, devemos estudar mais sobre essa configuração de consciência para que também possamos criar esferas que inspirem os outros.

Hoje, poderíamos dizer que talvez estejamos em um momento muito especial de mudança na história humana, no qual Silo nos deixou um caminho a seguir. Muito mais

do que Shankara fez, introduzindo o budismo no hinduísmo, deslocando crenças anteriores e propondo um novo sistema de valores, revigorando-o e projetando-o por muitos séculos.

Talvez estejamos no nascimento de um novo ser humano, não violento e solidário, que está descobrindo sua consciência e reconhecendo sua força interior; que está aprendendo a direcioná-la para ter acesso a uma forma diferente de funcionamento, podendo assim vislumbrar o nascimento de uma nova espécie. É esse novo ser humano que está nascendo, que entende que a estrutura, que o que é e o que não é, são a mesma coisa, são um só.

Podemos ver a tremenda crise na qual estamos imersos como um crescimento do ser humano, um avanço da consciência humana que está acabando com uma cultura e uma civilização violenta... Também os eventos externos que aconteceram, como a pandemia e a mudança climática, nos mostram que respiramos o mesmo ar, que estamos imersos no mesmo espaço, que não somos seres isolados. O processo está sempre em ziguezague, avançando e retrocedendo, e depois avançando novamente. Os seres humanos estão experimentando e descobrindo a intersubjetividade, quebrando a ilusão de consciências separadas.

Silo nos dá uma luz em sua palestra sobre o Tema de Deus, que nos ajuda a entender o momento em que estamos vivendo e para onde temos que ir.

O problema, a meu ver, está nessa difícil transição entre o mundo que conhecemos e o mundo que virá. E, como no final de qualquer civilização e no início de outra, teremos de lidar com um possível colapso econômico, uma possível desintegração administrativa, uma possível substituição de estados por paraestados e gangues, a injustiça predominante, o desânimo, o encolhimento humano, a dissolução de vínculos, a solidão, a violência crescente e o irracionalismo emergente, em um ambiente cada vez mais acelerado e global. Acima de tudo, que nova imagem do mundo deve ser proposta, que tipo de sociedade, que tipo de economia, que tipo de valores, que tipo de relações interpessoais, que tipo de diálogo entre cada ser humano e seu vizinho, entre cada ser humano e sua alma? ⁴⁶

O ser humano está descobrindo a consciência e seu grande desafio neste momento é aprender a direcionar a força, suas imagens em uma direção luminosa, caminhando para a superação do sofrimento, para a liberdade e para avançar no domínio do tempo e do espaço. É um tremendo salto mortal à medida que você se move na direção do profundo.

Clareza permanente de consciência. Silo Canárias 78.

Imagine que, se uma das maiores fontes de sofrimento, assim como o medo da solidão, o medo da doença, é o medo da morte, imagine como pode ser importante para o ser humano alcançar uma experiência que lhe dê significado, que lhe dê um significado transcendente, de modo que a morte não possa deter sua mente.

⁴⁶ Silo, o Tema de Deus. Encontro para o Diálogo Filosófico-Religioso. Buenos Aires, outubro de 1995.

Imagine o que pode significar para um ser humano compreender, por experiência, a possibilidade de que a morte física seja simplesmente o desaparecimento da consciência mecânica, mas que a mente seja registrável e que a mente não termine ou comece com a morte física ou com o nascimento.

Entrevistas



[Link do vídeo](#)

<https://youtu.be/4LyG5JQBY4k?si=IULaZQNCLpoCaZ3K>

Entrevista com David Godman

Assista ao vídeo do YouTube. Beatriz em Tiruvannamalai.

Ramana Ashram. Thiruvannamalai, sul da Índia

Beatriz Aguirre
Parques de Estudo e Reflexão de Caucaia.

Diálogo com Keivi Ef

A verdade é que não é preciso gravar, tirar fotos ou fazer vídeos; se você ouvir uma verdade, ela ressoa em você, você já a conhece, ela está dentro de você; basta prestar atenção e ouvir para percebê-la, porque ela também está dentro de você, você não precisa gravar. A verdade não é externa.

A dualidade, as diferenças entre as religiões, as guerras históricas e atuais, brâmanes contra hindus, hindus contra muçulmanos, muçulmanos contra cristãos - estou falando dos conflitos entre países, das guerras santas, das guerras subversivas, das diferenças históricas - todos esses conflitos e tudo isso está acontecendo no mundo porque ninguém se conhece, porque quando você se conhece e chega à verdade, os conflitos desaparecem porque você não quer mais nada e não precisa mais de nada, todos esses conflitos e tudo isso está acontecendo no mundo porque ninguém se conhece, porque quando você se conhece e chega à verdade, os conflitos desaparecem porque você não quer mais nada, não precisa mais de nada, não quer e não se importa com dinheiro, não se importa com coisas, com representações, não se importa em ser mais lindo, mais feio, com mais conhecimento, com mais sabedoria, nada importa. Quando você chega à verdade, chega à única coisa importante, que é o amor, o verdadeiro amor, não o do desejo...



Você pode ter o rosto de um ator, ser famoso, bonito, reconhecido por todos, mas por dentro você não tem a verdade.

Várias vezes ele disse: *"Para quê? Eles vão me gravar, eu não sou um ator, pode-se gravar um ator, mas isso não é a verdade, a verdade está dentro de você, dentro de todos, quando alguém lhe diz uma verdade, ela ressoa em você e está dentro de você. Ele mencionou João da Cruz, quando ele falou sobre o ser amado, o amante se torna o ser amado, por isso o colocaram na prisão em um banheiro que era seu quarto e ele ficou tão intoxicado com Deus que, quando saiu, a única coisa que viu foi Deus"*.



Ele falou de Kafka, que não é preciso ir a lugar algum para encontrar a verdade, que uma pessoa sentada em seu quarto esperando pode encontrar a verdade, e nem mesmo esperar, porque ela já está lá dentro de você.

E em todas as vezes que ele falou sobre as manifestações externas das situações, ele disse que tudo o que se via não era a verdade, quando se vê o que se vê, que não éramos o corpo, e como se chega à verdade, apenas perguntando a mim mesmo quem eu sou e eliminando e analisando todas as respostas que aparecem para você, as manifestações, um dia uma coisa aparece para você e outro dia outra. Você deve analisar tudo isso, não apenas o que sou, mas o que vejo do lado de fora; não apenas o que vejo em mim, mas o que vejo ao meu redor, porque tudo, absolutamente tudo, é uma criação da mente, o mundo é uma

criação da mente, tudo é impermanente.

Ele continuou comentando que, em geral, os cristãos querem converter todos ao cristianismo para serem boas pessoas, e eles têm muitos preceitos que dizem como ser boas pessoas. Felizmente, agora apareceu um bom papa, que diz que não é necessário ser cristão para ser uma boa pessoa. Finalmente, um papa mais aberto, que diz que você não precisa ser cristão ou ter qualquer religião para ser uma boa pessoa, basta dizer a verdade, ver o lado bom das pessoas, não ser egoísta ou ganancioso, buscar a verdade que é o amor.

Um padre lhe disse para se converter ao cristianismo, e ele disse: "Eu me converterei se você me disser quem é mais cristão: Gandhi ou Hitler?" e ele disse Hitler porque tinha sido batizado, então vamos parar com essa conversa aqui.

Ele insiste que tudo está dentro de você, a verdade está dentro de você e a maneira de chegar a essa verdade é perguntar quem eu sou, não importa se você acredita em Deus ou não. Nada importa, basta que você busque a verdade interior.

Para ele, se houvesse esse amor verdadeiro, não haveria conflito, não haveria guerra, as pessoas não seriam separadas, que ele havia convivido com intocáveis e aleijados e que havia visto algo grandioso em todos eles. 03/2017

Entrevista com Ranganathan

Enquanto estávamos no Ashram de Ramana, após as cerimônias, entrevistamos Ranganathan, que parecia ser um frequentador assíduo do Ashram e conhecedor de Ramana e dos advaitistas.

Pergunta: Você poderia nos dizer como entende o Advaita Vedanta?

Resposta: Shankara viveu há muito tempo. Ramana, por outro lado, viveu em tempos mais recentes.

Ramana deixou seu corpo em 1950 e Shankara deixou seu corpo em 800. Shankara viveu apenas 32 anos. Deus lhe enviou apenas 16 anos, mas, devido às atividades que ele tinha, Deus lhe deu uma extensão de seus deveres, de modo que Shankara passou o dobro do tempo.

Todos eles falaram e ensinaram apenas sobre Advaita. Advaita significa não-dualidade: teu Brahman e meu Brahman são a mesma coisa.

Para obter o Brahman, você precisa fazer uma meditação. Feche os olhos e pergunte a si mesmo quem é você? Você é igual à pessoa que está à sua frente, você é igual a mim. Brahman é como a atmosfera inteira, uma atmosfera cósmica.

Suponha que haja algumas garrafas ou recipientes azuis, pretos, brancos, etc... As garrafas estão cheias de Brahman.

Foi assim que entendi a filosofia: você pega um pote de barro, faz vários furos nele e coloca uma luz dentro. A luz se dissipará pelos furos de maneira uniforme. Há buracos diferentes, alguns maiores, outros menores, mas a luz é a mesma. Portanto, Brahman é assim. Baratas, cobras, tigres, elefantes, todos eles são Brahman, é o mesmo poder.

Você tem um cabo elétrico, tem luz, tem ar condicionado, tem um fogão, tem uma máquina de lavar, todos eles funcionam graças a uma energia: a eletricidade.

Não há diferença entre eletricidade e Brahman.

Brahma é igual a mim. Todos nós devemos ter como objetivo não ter o próximo nascimento. Filósofos e gurus antigos dizem que se você se concentrar em quem você é, automaticamente não terá um próximo nascimento.

Pergunta: A KVS é um Brahman?

Resposta: O que é esse Brahmán? Você é um ser humano dentro de um recipiente. O que quebra é apenas o contêiner, o que morre é apenas o corpo. Acho que isso é muito simples de entender. Somos todos iguais, com ou sem Brahmán.

Ramana Ashram. Abril de 2017

Anexos

Gaudapada

Gaudapada (por volta do século V ou VII d.C.) foi um guru fundador da tradição Advaita Vedanta. Tradicionalmente, ele é considerado o professor de Govinda Bhagavatpada que, por sua vez, foi o professor de Shankara (uma das figuras mais importantes das doutrinas hindus). Acredita-se também que ele tenha sido o fundador do Sri Gaudapadacharia Math (por volta de 740) em Kavale (Goa), cerca de 370 km ao sul de Bombaim.

É provável que tenha se originado na Caxemira (noroeste da Índia) ou em Bengala (na costa nordeste da Índia).

Ele foi, segundo a tradição, o avô filosófico de Shankara. Seu Karika sobre o Mandukya Upanishad é a mais antiga exposição sistemática conhecida do Advaita Vedanta. Gaudapada mostra sinais claros de familiaridade com a filosofia budista, e tanto sua linguagem quanto sua doutrina estão, em muitos casos, próximas dos originais budistas. Isso levou muitos estudiosos a especular que o próprio Gaudapada era originalmente budista. O Karika é um comentário em verso sobre o Upanishad. Ele é dividido em quatro seções: 1. Agama Prakarana 2. Ilusão 3. Advaita 4. Apagando a tocha.

A primeira seção é uma breve exposição sistemática do texto do Upanishádico, que segue sua distinção dos quatro estados de consciência. Alguns dos mais importantes comentaristas indianos tratam os 29 slokas (versos) do Agama Prakarana como parte do texto das escrituras do Mandukya Upanishad.

A segunda seção vai além do texto da Upanishad para estabelecer a irrealidade das coisas vivenciadas nos sonhos e, por analogia, das coisas vivenciadas no estado de vigília. Tudo isso não passa de maya, ilusão. Gaudapada enfatiza a unidade essencial da vigília e do sonho com os sonhos, argumentando que o mundo da vigília é tão irreal quanto o mundo dos sonhos com os sonhos. Sankara enfatizará a distinção entre os dois, para evitar o colapso no ilusionismo subjetivo.

A seção Advaita do Karika apresenta uma afirmação clara e positiva da posição não-dualista: somente o Atman / Brahman é real, tudo o mais é ilusão. Gaudapada ensina a doutrina Ajata: a doutrina do não-ser.

A quarta seção do Karika expõe os meios de eliminar a ilusão da dualidade. Essencialmente, esse é o Asparsha Yoga mencionado na seção três.

Grande Karika sobre o Mandukya Upanishad

Vou apresentar apenas algumas frases dos livros III e IV, que são os que têm a ver com Advaita, e no final há um link para quem quiser conhecer o livro inteiro.

Livro III:

NÃO-DUALIDADE (Advaita Prakarana)

18 A não-dualidade é a realidade suprema (Paramartha), uma vez que a dualidade é reconhecida como seu produto - os dualistas veem dualidade em ambos, de modo que nossa visão não entra em conflito com a deles.

19 É por meio de Maya, e de nenhuma outra forma, que o Sem Nascimento é diferenciado. Se fosse realmente diferenciado, então o imortal se tornaria mortal.

20 Aqueles que argumentam que o Não Originado sofre nascimento - como um ser imortal e não originado poderia adquirir mortalidade?

23 A vinda à existência pode ser real ou ilusória. Ambos os pontos de vista são apresentados nas escrituras. Aquilo que as escrituras propõem e que a razão corrobora, somente isso é firme (ou seja, somente as escrituras não são suficientes).

26. A afirmação das escrituras de que Ele não é "nem isso, nem aquilo" (B.U. III.IX.26) nega todas essas considerações. Uma vez que é absolutamente incompreensível, o Sem Nascimento é, portanto, auto-radiante.

31. Essa dualidade - tudo o que é móvel ou imóvel - é uma percepção mental. Quando a mente cessa a atividade mental, nenhuma dualidade é percebida.

32. Com a compreensão de que o Ser é o Real, o pensamento cessa: ele se torna Não-mente; na ausência de algo para perceber, não há percepção alguma.

34. Deve-se prestar atenção especial à conduta da mente quando ela está quieta, livre de todas as concepções, mas dotada de discriminação: a condição da mente no sono profundo é algo totalmente diferente.

35. No sono profundo, a mente se perde, mas não quando está quieta; nesse estado, ela é o Brahman auto-refulgente, a luz do conhecimento que brilha em toda parte.

38 Quando a atividade mental cessa, não há apego nem rejeição; o conhecimento é estabelecido no Ser, não tem nascimento e atinge a equanimidade (samata).

39. Essa yoga sem contato (asparsha yoga) é difícil de ser compreendida pelos *yogues*; eles a temem, encontrando medo onde não há nada a temer. ("Yoga" significa basicamente "união" - portanto, yoga é "união sem contato").

44 Se a mente estiver em estupor, desperte-a! Se ela estiver dissipada, acalme-a. Reconheça quando ela estiver sendo afetada pelo desejo. Quando ela estiver perfeitamente equilibrada, deixe-a em paz!

47 A suprema felicidade está dentro de você, é pacífica, é acompanhada pela cessação {nirvana}, é indescritível e não tem nascimento. Como é idêntica ao Objeto de Conhecimento não nascido, eles declaram que é o Onisciente.

Livro IV:

APAGAR A LENHA (Alatashanti Prakarana)

3) Alguns disputantes postulam que é o existente que vem a ser; outros, orgulhosos de sua sabedoria, dizem que é a partir do inexistente que o vir a ser ocorre.

4) O que existe não passa a existir, e o que não existe não pode passar a existir. Embora essas pessoas discutam entre si, na verdade, elas ajudam a estabelecer a posição advaita e revelam que não existe vir a ser. Você pode ver isso na página seguinte.

6) Os debatedores argumentam que o não originado assume o nascimento - como um ser imortal e sem origem poderia adquirir mortalidade?

35 Se você fala com seu amigo em um sonho, ele não oferece nenhuma confirmação do fato no estado de vigília, e se você ganha alguma coisa em um sonho, quando acorda, ela se foi.

45 É a consciência não-nascida, imóvel, imaterial, quieta, imaterial, pacífica e não-dual que parece vir à existência, mover-se e assumir uma forma substancial.

47 Assim como uma praga em movimento aparece como uma curva, a consciência, quando posta em movimento, aparece como o conhecedor e o conhecido.

48 Assim como a praga, quando não está em movimento, está vazia de aparências e devir, também a consciência, quando não está em movimento, está vazia de aparências e devir.

72 Essa dualidade sujeito-objeto é, na verdade, a oscilação da consciência: mas a consciência não tem objeto, é vazia de relações.

75 Embora não haja dualidade real, há uma sede persistente pelo irreal! Quando você percebe a inexistência da dualidade, não renasce mais e se liberta da causa.

100 Tendo percebido {buddhva} esse aspecto que é impressionante, insondável, sem nascimento, homogêneo, sagrado e não-dual, nós O adoramos da melhor maneira possível.

Tradução do Karika baseada nas traduções dos Swamis Nikhilananda e Gambhirananda, às vezes diferindo de ambos na interpretação do texto original.

Texto disponível em: <http://www.unionlatinoamericanadeyoga.org/materiales> de yoga/GAUDAPADA GITA.rar

Site Shri Yoga Devi, <http://www.yogadevi.org/>

Biografias dos anexos



Adi Shankara com os discípulos, em pintura de Raji Ravi Varma (1848-1906)

Adi Shankara

Shankara (c. 788 - 820) foi um metafísico, teólogo, monge errante e professor espiritual indiano. Foi o principal formulador doutrinário do Advaita Vedanta, ou Vedanta não dualista. Segundo a tradição, ele foi uma das almas mais exaltadas que já encarnaram neste planeta, chegando a ser considerado uma encarnação do deus hindu Shiva. Sua vida está envolta em mistérios e maravilhas que a tornam semelhante à de outros proeminentes mestres espirituais da humanidade. Ao contrário deles, porém, Shankara não foi o fundador de uma religião, mas o renovador de uma, no caso o hinduísmo. Outras grafias de seu nome são: Sankara Sankaracharya, Adi Sankara,

Shankara nasceu no estado de Kerala, no sul da Índia, de acordo com as biografias mais antigas, em um vilarejo chamado Kaladi. Ele era filho de pais brâmanes Nambudiri. Seus pais eram um casal idoso e sem filhos que levava uma vida devota de serviço aos pobres. Eles deram ao filho o nome de Shankara, que significa "doador de prosperidade". Seu pai morreu quando Shankara era muito jovem. O upanayanam de Shankara, ou seja, a iniciação na vida estudantil, teve que ser adiada devido à morte de seu pai, sendo então realizada por sua mãe. A biografia o descreve como tendo sido atraído pela vida de sannyasa (eremita) desde a infância. Sua mãe não aprovava essa ideia de seu filho. Uma história descreve Shankara aos oito anos de idade indo para um rio com sua mãe para se banhar, onde foi pego por um crocodilo. Shankara chamou sua mãe para que lhe desse permissão para se tornar um asceta, caso contrário o crocodilo o mataria. A mãe concorda, Shankara é liberado e sai de casa para estudar.

Shankara chega a um santuário Saivita (um dos mais antigos) ao longo de um rio no estado do centro-norte da Índia e se torna discípulo de um mestre chamado Govinda Bhagavatpada. Vários textos sugerem que a educação de Shankara com Govindapada ocorreu ao longo do rio Narmada, em Omkareshwar. Sankara viajou muito pela Índia, de Gujarat a Bengala, e se envolveu em debates filosóficos públicos com diferentes escolas ortodoxas da filosofia hindu, bem como com tradições heterodoxas, como budistas, jainistas, arhatas, saugatas e carvakas.

Dez ordens monásticas em diferentes partes da Índia são geralmente atribuídas às escolas sannyasin inspiradas nas viagens de Shankara, cada uma com visões Advaita, das

quais quatro continuaram em sua tradição: Bharati (Sringeri), Sarasvati (Kanchi), Tirtha e Asramin (Dvaraka).

Contexto histórico

Shankara viveu na chamada era do "hinduísmo clássico tardio", que durou de 650 a 1100 d.C. Essa era foi marcada pela instabilidade política após a dinastia Gupta e a realeza Harsha do século VII d.C. Foi uma época de mudanças sociais e culturais, pois as ideias do budismo, jainismo, islamismo e várias tradições do hinduísmo estavam competindo. Shankara e seus contemporâneos fizeram uma contribuição significativa para a compreensão do budismo e das antigas tradições védicas, transformando as ideias existentes, especialmente reformando a tradição Vedanta do hinduísmo, tornando-a a tradição mais importante da Índia por mais de mil anos.

Embora alguns atribuam a ele a unificação e o estabelecimento das principais correntes de pensamento do hinduísmo, a fama histórica e a influência cultural de Shankara podem ter crescido séculos depois de sua morte, especialmente durante a era das invasões muçulmanas e a subsequente devastação da Índia. A fama histórica e a influência cultural de Shankara podem ter crescido séculos após sua morte, especialmente durante a era das invasões muçulmanas e a subsequente devastação da Índia.

As obras de Adi Shankara são a base da escola Advaita Vedanta do hinduísmo, e sua doutrina, diz Sengaku Mayeda, "*tem sido a fonte da qual derivam as principais correntes do pensamento indiano moderno*".

Obras autênticas. Shankara é mais conhecido por suas revisões e comentários sistemáticos (Bhasyas) sobre textos indianos antigos. A obra-prima de Shankara é o Brahmasutrabhasya (literalmente, comentário sobre o Brahma Sutra), um texto fundamental da escola Vedanta do hinduísmo.

Seus comentários sobre dez Mukhya (principais) Upanishads também são considerados autênticos pelos estudiosos.

Outras obras autênticas de Shankara incluem comentários sobre o Bhagavad Gita.

Seus escritos foram a base para as abordagens doutrinárias de autores contemporâneos da filosofia perene, como o francês René Guénon e o suíço-alemão Frithjof Schuon.

Suas obras em sânscrito discutem a unidade de Ātman e Nirguna Brahman "brahman sem atributos". Suas obras elaboram ideias encontradas nos Upanishads. As publicações de Shankara criticaram a escola de hinduísmo orientada por rituais de Mīmāṃsā. Ele também explicou a diferença fundamental entre o hinduísmo e o budismo. Shankara viajou por todo o subcontinente indiano para propagar sua filosofia por meio de discursos e discussões com outros pensadores. Ele estabeleceu a importância da vida monástica, conforme sancionado nos Upanishads e no Brahma Sutra. Sabe-se que ele fundou quatro mathas (monastérios), que ajudaram no desenvolvimento histórico, no renascimento e na disseminação do Advaita Vedanta, do qual ele é conhecido como o maior revivalista.⁴⁷

⁴⁷ Restaurador de valores espirituais ou culturais

Os estudiosos apontam que uma das biografias mais citadas de Shankara, Anandagiri, inclui histórias e lendas sobre pessoas historicamente diferentes, mas todas com o mesmo nome de Sri Shankaracarya ou também chamadas de Shankara, mas provavelmente significando estudiosos mais antigos com nomes como Vidya-sankara, Sankara-misra e Sankara-nanda. Algumas biografias são provavelmente falsificações feitas por aqueles que tentaram criar um Adi Shankara.



Local de nascimento de Adi Shankara Kalady

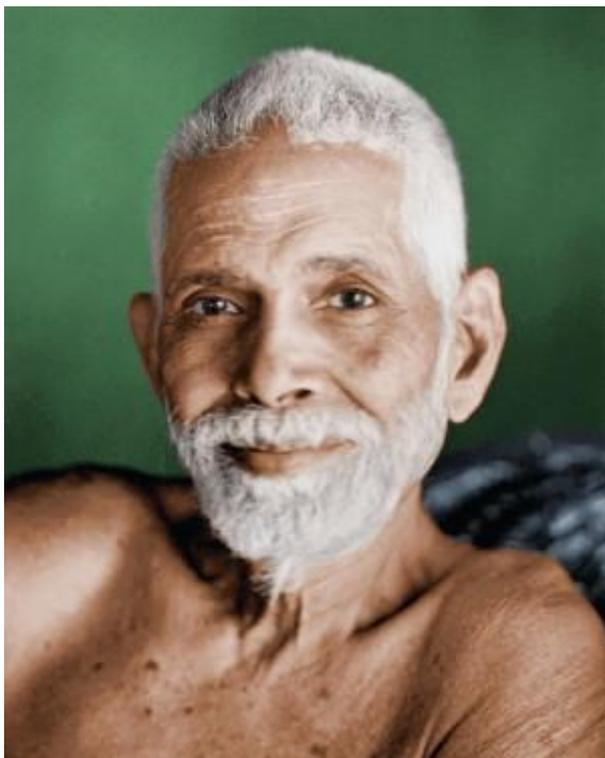
Shankara teve vários discípulos eruditos durante suas viagens, incluindo Padmapadacharya.

Acredita-se que Adi Sankara tenha morrido aos 32 anos de idade em Kedarnath, no estado de Uttarakhand, no norte da Índia, um local de peregrinação hindu no Himalaia. Os textos dizem que ele foi visto pela última vez por seus discípulos, atrás do templo de Kedarnath, caminhando pelo Himalaia até não ser mais localizado. Alguns textos colocam sua morte em locais alternativos, como Kanchipuram (Tamil Nadu) e em algum lugar no estado de Kerala.

Ramana Maharshi

Ramana Maharshi (1879 - 1950) é considerado um dos mais importantes sábios do século XX. Seu pensamento é geralmente inscrito na corrente *Advaita Vedanta*. Seu poderoso silêncio e seus ensinamentos sobre a *auto indagação* como uma técnica para

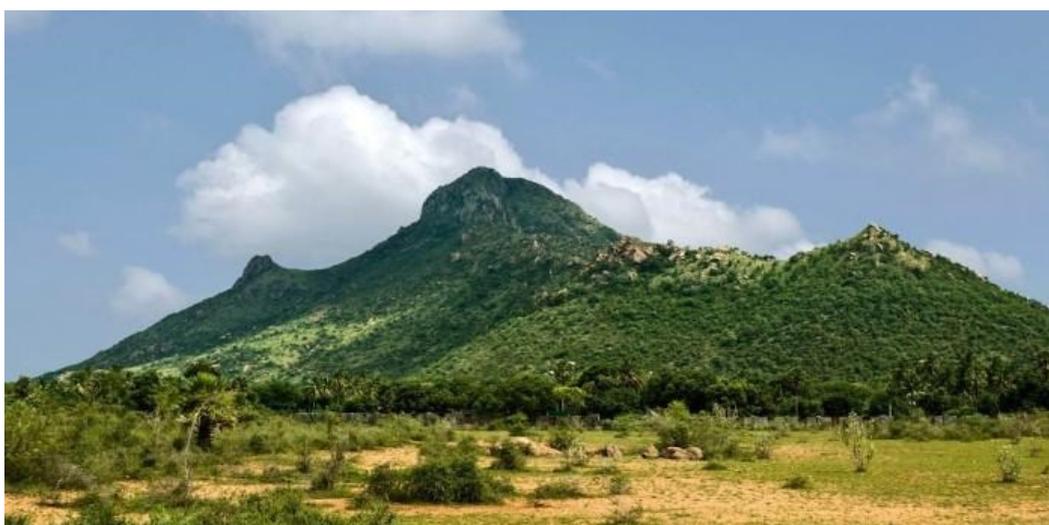
aprofundar o autoconhecimento levaram ao reconhecimento unânime da grandeza de seu legado.



Durante a maior parte de sua vida, ele viveu na colina sagrada de Arunachala, em Tiruvannamalai (Tamil Nadu, Índia), onde foi visitado por milhares de pessoas, tanto do Oriente quanto do Ocidente, que testemunharam a profunda paz e sabedoria que emanavam constantemente de sua simples presença.

Ramana Maharshi nasceu em um pequeno vilarejo perto de Madurai. Quando tinha 13 anos, seu pai morreu e sua família o enviou para morar com seu tio em Madurai. Lá, ele estudou na American Mission High School.

Aos dezesseis anos de idade, ele ouviu o nome Arunachala pela primeira vez: embora não soubesse o significado da palavra, não conseguia parar de pensar nela. Naquela época, ele recebeu uma cópia do Periyapuram, de Sekkilar, um livro que descreve a vida dos santos Shaivitas - a única obra religiosa que Ramana confessou ter lido até então - o que despertou nele uma certa curiosidade sobre o fenômeno religioso. Aos dezessete anos de idade, Ramana Maharshi teve uma premonição de que iria morrer. Ele se deitou no chão, convencido de sua morte, prendeu a respiração e disse a si mesmo: "*Meu corpo está morto, mas eu ainda estou vivo*". Nesse estado supraconsciente, ele pôde experimentar que não era o corpo, mas o Ser; naquele instante, ele alcançou um conhecimento espontâneo do Ser.



Colina de Arunachala

Logo depois, ele deixou sua casa e se mudou para Tiruvannamalai, para o templo de *Arunachaleshvara*. Ele então entra em um profundo êxtase pela imersão do Atman em Brahman e permanece quase imóvel por mais de dois anos, em um estado de total desapego. É preciso lhe dar comida para que não morra de fome. Essa experiência mística o transforma e o faz entender a natureza da vida.

Ramana Maharshi se sentia irresistivelmente ligado à montanha sagrada de Arunachala que, em suas palavras, era o centro espiritual do mundo.

Em 1899, ele se retirou para uma caverna na colina sagrada de Arunachala. Em 1912, ele encerrou seus períodos de samadhi e começou a levar uma vida completamente normal. À medida que o jovem sábio começou a recuperar a consciência do mundo exterior, ele começou a irradiar uma aura de paz que começou a atrair buscadores interessados em se beneficiar de sua presença. Em seus primeiros anos, Venkataraman permaneceu completamente silencioso e todas as perguntas dos buscadores que o visitavam ou viviam perto dele eram respondidas escrevendo-as em pedaços de papel ou na areia. Naquela época, um de seus primeiros seguidores, impressionado com a sabedoria e a santidade do menino, deu-lhe o nome de Bhagavan Sri Ramana Maharshi.

Mesmo depois de vários anos, quando Sri Ramana voltou a falar, ele falava muito pouco, de modo que seus ensinamentos eram transmitidos por outros meios. Em vez de dar instruções verbais, ele emanava constantemente uma força silenciosa que acalmava a mente daqueles que estavam sintonizados com ela e, às vezes, até lhes dava uma experiência direta do estado no qual ele próprio estava perpetuamente imerso. Anos depois, ele estava mais disposto a dar ensinamentos verbais, mas mesmo assim os ensinamentos silenciosos estavam sempre disponíveis para aqueles que sabiam como fazer bom uso deles.

Durante toda a sua vida, Sri Ramana insistiu que esse fluxo silencioso de energia representava seus ensinamentos em sua forma mais direta e concentrada. A importância que ele atribuía a isso é indicada por suas frequentes declarações de que seus ensinamentos verbais eram úteis apenas para aqueles que não conseguiam compreender seu silêncio.

Naquela época, Ramana já tinha um grande número de devotos hindus de várias origens e condições. Entre os devotos ocidentais estavam Major Chadwick, Paul Brunton, S. S. Cohen e Arthur Osborne.

Em 1922, ele se mudou para o ashram administrado por sua mãe e depois por seu irmão, atraindo muitos buscadores espirituais.

Aos poucos, cativados pela presença silenciosa de Bhagavan, foram chegando visitantes que mais tarde se tornariam discípulos.

Bhagavan estava disponível para os visitantes vinte e quatro horas por dia, enquanto dormia e vivia em um espaço comunitário, sempre acessível a todos, e seus únicos pertences eram as roupas que vestia, uma tigela de água e sua bengala. Embora milhares de pessoas o adorassem como uma encarnação divina, ele não permitia que ninguém o tratasse como especial e se recusava a receber qualquer coisa que não fosse compartilhada igualmente entre todos ao seu redor.

Sri Ramana trabalhou ativamente em sua comunidade e, por muitos anos, acordava diariamente às 3h da manhã para preparar comida para os residentes do ashram. Seu senso de igualdade era lendário. Todos os visitantes eram tratados com o mesmo respeito e consideração, fossem eles mendigos, homens de negócios, membros da realeza ou animais. Seu senso de equanimidade se estendia até mesmo às árvores locais.

Assim, por mais de 50 anos, vivendo aos pés da Montanha Arunachala, Sri Ramana ensinou e transformou a vida de inúmeros visitantes e buscadores. Muitos de seus ensinamentos foram escritos e publicados, constituindo assim uma herança espiritual inestimável para a humanidade, apontando um caminho direto e eficaz, acessível a todos aqueles que desejam alcançar o estado de liberdade do qual esses ensinamentos emanam.

Em 1938, ele recebeu a visita de Rajendra Prasad, presidente da Índia, que confessou ter ido receber o darshan de Bhagavan seguindo o conselho de Gandhi, que lhe dissera: "*Se você quer paz, vá a Sri Ramanashraman e fique alguns dias na presença de Ramana Maharshi. Você não precisa falar ou fazer qualquer pergunta a ele*". Nove anos depois, já se temia por sua saúde e, em 1949, foi detectado um tumor cancerígeno em seu braço esquerdo. Ramana foi submetido a vários tratamentos, mas sem nenhuma melhora evidente. Em 14 de abril de 1950, Bhagavan deixou seu corpo físico e se fundiu na luz do Absoluto.

Sri Ramana Maharshi disse que não sentia vontade de escrever nada.

As obras: Ele escreveu quatro livros, mas disse que só o fez para satisfazer o pedido de um devoto:

Quarenta versos sobre a realidade (Sat-Darshanam)

Sri Ramana Gita,

A essência do autoconhecimento,

Práticas com Ramana Maharshi. Editorial Trompa de Elefante

Seja como você é. Compilação de conversas com Ramana (Quem eu sou)

Relate a experiência de revelação de Ramana com a morte.

Essa foi sua revelação, sua experiência de despertar, que mudou sua vida aos 16 anos de idade.

"Foi cerca de seis semanas antes de eu deixar Madurai permanentemente que ocorreu a grande mudança em minha vida. Ela aconteceu de forma inesperada. Eu estava sentado sozinho em um quarto no primeiro andar da casa de meu tio. Eu raramente ficava doente e, naquele dia, minha saúde estava normal, mas, de repente, fui tomado por um medo violento de morrer. Nada em meu estado de saúde explicava isso, e eu não tentei justificar esse medo nem procurei suas causas. Simplesmente senti que "vou morrer" e comecei a pensar no que fazer a respeito. Não pensei em consultar um médico, minha família ou meus amigos. Senti que precisava resolver o problema sozinho, ali mesmo.

O choque do medo da morte fez com que minha mente se voltasse para dentro, e eu disse a mim mesmo, sem realmente colocar isso em palavras: "Agora a morte chegou; o que isso significa? O que é morrer? O corpo morre". Então, imediatamente comecei a dramatizar a ocorrência da morte. Deitei-me com os membros esticados e rígidos, como se o rigor mortis estivesse ocorrendo, e imitei um cadáver para tornar o interrogatório mais realista. Prendi a respiração e mantive meus lábios bem fechados para não deixar escapar nenhum som, de modo que nem mesmo a palavra "eu" ou qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada. "Então", eu disse a mim mesmo, "este corpo está morto. Ele será levado duramente para a pira de fogo e lá será queimado e reduzido a cinzas. Mas com a morte desse corpo, eu morro? Esse corpo é o eu? Ele é silencioso e inerte, mas sinto toda a força de minha existência, e até mesmo a voz do eu dentro de mim, separada do corpo. Portanto, eu sou o espírito que transcende o corpo. O corpo morre, mas o Espírito que o transcende não pode ser tocado pela morte. Isso significa que sou o Espírito Imortal". Esse não era um pensamento obscuro; era uma verdade viva que brilhava através de mim e que eu percebia diretamente, quase sem o processo do pensamento. O "eu" era algo muito real, a única coisa real em meu estado atual, e todas as atividades conscientes relacionadas ao meu corpo estavam centradas nesse "eu". A partir daquele momento, o "eu" ou "ser" concentrou a atenção em si mesmo por meio de um poderoso fascínio. O medo da morte desapareceu para sempre, e a absorção no Ser continuou ininterrupta desde então".

Maharaja Nisargadatta

Maharaja Nisargadatta é considerado e conhecido como um dos principais representantes contemporâneos do Advaita Vedanta, tradição na qual seus ensinamentos estão totalmente inscritos. Sua linhagem é, de fato, tântrica: ele foi discípulo de Maharaja Sri Siddharameshwar, um mestre pertencente à tradição tântrica Nath Sampradaya, cuja origem remonta ao lendário Sri Dattareya.

Nisargadatta afirmava falar apenas a partir de sua experiência pessoal e não recorria a nenhuma autoridade para justificar ou apoiar suas palavras, nem mesmo à autoridade dos Vedas.

Maruti - seu nome, até adotar Nisargadatta - nasceu e morreu em Bombaim (1897-1981). As informações disponíveis sobre sua adolescência e início da juventude são fracionadas e desconexas. Sabemos que seu pai, Shivrampant, era um homem pobre, que trabalhou por algum tempo como empregado doméstico em Bombaim e, mais tarde, ganhou a vida como pequeno fazendeiro em Kandalgaon, um pequeno vilarejo nas florestas remotas de Ratnagiri, distrito de Maharastra. Maruti cresceu quase sem educação. Quando menino, ajudava o pai nas tarefas que estavam ao seu alcance: cuidava do gado, conduzia bois, trabalhava no campo e fazia recados. Seus prazeres

eram simples, como suas tarefas, mas ele era dotado de uma mente curiosa, cheia de perguntas de todos os tipos.

Seu pai tinha um amigo brâmane chamado Vishnu Haribhau Gore, que era um homem piedoso e muito culto para o ambiente rural. Gore sempre falava sobre assuntos religiosos e o menino Maruti ouvia com atenção e se interessava por esses assuntos mais do que qualquer um poderia imaginar. Para ele, Gore era o homem ideal: sério, bom e sábio.

Quando Maruti completou dezoito anos, seu pai morreu, deixando para trás a viúva, quatro filhos e duas filhas. A escassa renda da pequena fazenda diminuiu após a morte



do velho e não era suficiente para alimentar tantas bocas. O irmão mais velho de Maruti deixou o vilarejo, dando-lhe alguma segurança financeira, e ele o seguiu logo depois. Dizem que em Bombaim ele trabalhou por alguns meses como aprendiz mal pago em um escritório, mas deixou o emprego desgostoso. Em seguida, começou um pequeno comércio de armarinhos e montou uma loja que vendia roupas infantis, tabaco e cigarros feitos à mão. Dizem que esse negócio prosperou e lhe rendeu um filho e três filhas.

Maruti viveu a vida de um homem comum até a meia-idade, sem qualquer indício da santidade que viria a seguir. Quando tinha 34 anos, ele conheceu seu futuro professor, Maharaja Sri Siddharameshwar. Em um contato relativamente breve com o guru, ele lhe deu um mantra e instruções para meditação. Em sua prática, ele logo começou a ter visões e, ocasionalmente, entrava em transe. Por assim dizer, algo explodiu dentro dele, dando origem a uma consciência cósmica, um senso de vida eterna. A identidade de Maruti, o pequeno comerciante, se dissolveu e, três anos depois, ele se realizou, assumindo o nome de Nisargadatta. Ele continuou a levar a vida de um trabalhador indiano comum, mas seus ensinamentos, expostos em sua obra-prima *I Am That* e que têm suas raízes na antiga tradição dos Upanishads, constituíram um avanço significativo no pensamento contemporâneo.

Depois de sua experiência de iluminação, Maharaja Sri Nisargadatta começou a viver dessa forma dualista. Ele dirigia sua loja, mas deixou de ser um comerciante centrado no lucro. Mais tarde, abandonando sua família e seus negócios, tornou-se um mendicante, um peregrino pela vastidão e variedade do cenário religioso indiano. Ele andou descalço a caminho do Himalaia, onde planejava passar o resto de seus anos em busca de uma vida eterna. Mas logo refez seus passos e voltou para casa, percebendo que não havia necessidade de deixar sua família. Ele percebeu que não era preciso buscar a vida eterna; ele já a tinha. Tendo ido além da ideia de "eu sou o corpo", ele havia adquirido um estado mental tão alegre, tão pacífico e tão glorioso que, comparado a ele, tudo parecia sem valor. Ele havia alcançado a **realização de "si mesmo"**.

Os devotos viajavam de todo o mundo para ouvir a mensagem única de Sří Nisargadatta até sua morte em 1981.

Autoridade espiritual inquestionável que o levou a adotar o nome Nisargadatta. Com o passar dos anos, e sem mudar seu modo de vida simples e exterior, sua pequena loja de biddis e, mais tarde, sua casa, localizada em um dos subúrbios mais marginais de Bombaim, se tornaram o ponto de encontro de inúmeras pessoas de diferentes cantos do planeta que vinham até ele, atraídas por sua sabedoria e eloquência. Tanto que ele se tornou uma das autoridades incontestáveis da sabedoria advaita e da jnana-yoga, e possivelmente seu principal representante no século XX, juntamente com Ramana Maharshi.

As pessoas diziam que ele era afetuoso e carinhoso, astutamente bem-humorado, absolutamente franco e absolutamente verdadeiro: ele inspira, orienta e apoia todos que o procuram. Ele fala de um nível que está além das palavras e que os *Vedas* não superam. Sentar-se perto de Maharaja Sri Nisargadatta era ouvir o *Upanishad* vivo, era estar na presença da própria Verdade esplendorosa e vibrante.

As obras: Encontrei apenas um texto escrito por ele antes de ser Nisargadatta. Ou seja, quando ele era Maruti Shivrampant Kambli.

Nisargadatta-Maharaj-Self-Knowledge-and-self-Realization [Nisargadatta-Maharaj-Autoconhecimento e Auto-Realização]. Editado por Jean Dunn.

Nisargadatta expressou seus ensinamentos por meio de diálogos e conversas que teve com seus discípulos e visitantes - diálogos que geralmente exigiam um intérprete versado em Marathi e inglês. Alguns desses diálogos foram escritos, principalmente em inglês, em várias obras, posteriormente traduzidas para diferentes idiomas e editadas várias vezes. Na obra "Eu sou isto": a primeira compilação de conversas entre Nisargadatta e seus visitantes, que o levou decisivamente à atenção do mundo ocidental e, sem dúvida, sua obra mais importante, impressionante e significativa.

Em alguns títulos, há também vídeos gravados no YouTube.

Eu sou isso. É o mais conhecido.

Sementes da consciência.

Néctar aos pés do Senhor

Antes da consciência

A experiência do nada

Meditação com Maharaja Sri Nisargadatta.

<https://www.maharajnisargadatta.com/>

Referências bibliográficas

Ascui, Patricio (2017) Comentários de Silo sobre Ascesis. Hypatia Ed.

Cavallé, Mónica. A sabedoria da não-dualidade. Kairós

Doongagi, Dr. Damayantie (1980). Seeds of Consciousness [Sementes da Consciência]. Nisargadatta. Sirius Ed.

Ergas, Dario. Unidade, dualismo e liberdade em Zaratustra?

Espinosa Juan. Dogen, A entrada da via mental no Japão ¿

Gambhiram Seshayya (1965), Self-Inquiry (Vicharasangraham). Universidade Sri Ramana Maharshi Madras.

Gozalo, Eduardo (2016). La Conversión. Ed. León Alado

Guadapada. Karika. Shri Yoga Devi, <http://www.yogadevi.org>

Gulmini, Lilian. Do Dois ao Sim-Segundo.URL

Ihsa-upanisad, 5, ibid.

J.D. (1980 - 1981). Antes da Consciência. Maharaja Nisardagatta.

Katha-upanisad, 1.2.18; ibid.

Kena-upanisad, 1.3-9, em Gambhirananda.

Koryzma. Andres. Compilação Corpo, Alma e Espírito.

As Quatro Disciplinas (Disciplina Mental.) <http://www.parquepuntadevacas.org>

Novotny, Hugo (2020), "Spiritual Paths of Asia" (Caminhos espirituais da Ásia), Leon Alado Ed.

Ramanasramam (1994), Be as you are. Conversas com Sri Ramana Maharshi. Ed. Sanz Y Torres

Robert Powell. A Experiência do Nada, Maharaja Nisardagatta. Ed, Gulaab.

Romero, Maxi e Pellegrini Puchi (2016). Conversa de Silo com Mensajeros 2002-2010. <http://www.elmensajedesilo.net>

Shankara Acharya (1979). A Sabedoria Indiana. Dedalo Ed.

Silo (1975), Palestra sobre Religião Interior. Filipinas.

Silo (1978), Claridade da Consciência Permanente. Canárias 5to.

Dicionário Silo do Novo Humanismo. Silo.net

Silo (2004), Punta de Vacas, 4 de maio. <http://www.silo.net>

Silo (2006), Psicologia 4. Ed. Ulrica

Silo. (2002), Silo's Message. <http://www.silo.net>

Silo (2009), Comentários sobre "A Mensagem de Silo". Ed. Altunaimpresores.

Sri Natananda. Instrução espiritual. Sri Ramana Maharshi.

Sri Ramana Maharshi. Sat-Darshanam (Ed. Sirius).

Sudhakar S. Dikshit (1963), I Am That. Conversas com Maharaja Nisargadatta. Sirius Ed.

Weinberger, Ariane. Trabalho no nível dos sonhos em escolas de despertar.

Bibliografia adicional de interesse para os leitores.

Outros representantes da Advaita:

Sri Atmannada (KrishnaMenon)

Maharaja Sri Ranjit

Maharaja Sri Siddharameshwar.

Textos: Yoga, Váshishtha de Valmiki.

O Ashtavakra Gita.